Está pago
364 Exm.º Sr. José Pires Mellão.
SERPA.
Avenida

Devolvido
redacção
Aveiro

Recibido
distribuidor

O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 5 DE SETEMBRO DE 1909 | N.º 1:324

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Recebiamos ha dias uma carta de Abrantes, com estes dizeres:

Ahi por 1902-1903 foram condemnados dois soldados de artilheria por terem cuspido fóra a hostia, e não se levantou a celeuma que se levantou a proposito da condemnação de Vizeu, apesar dos desgraçados apanharem dois annos de penitenciaria, fóra o resto. Foram juizes, alem d'outros, os srs. Dantas Baracho e Ferreira do Amaral, e secretario José Maria Bettencourt, actual tenente coronel do quadro da reserva.

Póde V., no seu jornal, dizer-me porque é que os jornaes d'aquelle tempo não tugiram nem mugiram sobre tão barbara condemnação?

E' muito facil. N'aquelle tempo *não convinha* aos *libaraes* tugir nem mugir. E agora convem. Pois então o auctor da carta conhece nos politicos d'officio algum mobil que não seja a conveniencia?

N'aquelle tempo o sr. Alpoim pedia perdão ao papa por se ter batido em duello, e dispensa de magro á sexta feira. Isto sendo gottoso! E' claro que José d'Alpoim, andando sempre gottoso, pois a cada passo os jornaes celebram os seus ataques de gotta, ou não come carne, ou come, pelo menos, muito pouca carne. Estamos a partir da hypothese de que o homem não é uma besta. Ora se José d'Alpoim não come carne, ou come, pelo menos, muito pouca carne, é evidentissimo, ou que não comia, como regra geral, carne em dia de magro, ou que não escolhia a sexta feira ou outro dia de jejum para comer...carne. Isto é evidentissimo. Logo, José d'Alpoim, que pedia absolvições papaes por se ter batido em duello, só por *especulação* pedia dispensa de magro.

José d'Alpoim queria agradar á rainha, agradar aos padres que tinham influencia sobre a rainha, agradar ao rei, agradando ao papa. O rei D. Carlos não era beato. Mas não lhe desagradava a obediencia a Roma, o respeito ao papa, porque lhe não desagradavam nunca o respeito e acatamento de todo e qualquer espirito de auctoridade. Quer dizer, José d'Alpoim tinha a certeza de agradar, n'esses actos humildes de genuflexão, a Roma e a Carthago.

Era tão catholico, tão respeitador, pelo menos, dos preceitos religiosos, tão disciplinado e obediente filho da Egreja, que até sem comer carne pedia dispensa de comer carne...em dia de magro!

Ha muito catholico sincero que não leva os escrupulos até esse ponto. Que considera um peccadilho ridiculo comer ou deixar de comer carne em dia de magro. Alpoim, *catholicissimo*, até sem comer carne tinha *horror* á *horrivel* idéa de o supporem capaz... de comer carne á sexta feira.

Isto quanto ao religioso.

Quanto ao politico, a mesma coisa. Ha muito monarchico sincero partidario da tolerancia e liberdade. Ou, por outra, inimigo de violencias e arbitrariedades. Alpoim, não. Alpoim queria *que a monarchia se defendesse*. Alpoim ia tão longe que não admittia o respeito do suffragio nem mesmo com as restricções, as alcavalas e chicanas de que este estava e está cercado em Portugal. Podia o paiz inteiro ser republicano. Nem assim Alpoim admittia representantes republicanos na camara dos deputados.

Que se defendesse a monarchía! Tenazmente! Era o seu pregão altisonante de chefe monarchico.

Bem assim Baracho. Baracho esperava ainda, a esse tempo, ser ministro da guerra. Ninguem ignora que Baracho rompeu com o partido regenerador, porque, tendo-lhe Hintze Ribeiro promettido faze-lo ministro da guerra na *primeira vaga*, Hintze não cumpriu a sua promessa.

D. Carlos influiu n'essa resolução do presidente do conselho? Devia ter influido, porque—sabe-se—era o rei quem escolhia o ministro da guerra. Até que ponto e de que forma se exerceu essa influencia do rei? D. Carlos *não quiz* que Baracho fosse ministro da guerra, ou limitou-se a *preferir-lhe* outro ministro? Não sabemos.

Baracho, n'outro paiz, nunca se atreveria, sequer, a pensar em ser ministro da guerra. Só em Portugal, e, mesmo em Portugal, só no miseravel periodo d'abatimento intellectual e moral a que chegámos. Alem de ser um homem sem talento, sem estudos especiaes, sem serviços de qualquer ordem que o recommendassem ao paiz e ao exercito, Baracho tinha uma tradição d'orgia deploravel. O seu nome era conhecido em todas as casas de vida patusca de Lisboa. A sua *solidariedade*, o seu *espirito egualitario* em relação a todos os freguezes d'essas casas, conhecia-os meia humanidede. Pelo menos Portugal, Algarves, Andaluzia, Galliza e Castella. Narravam-se d'elle mil façanhas heroe-comicas, mil scenas pittorescas, que faziam rir a vida airada a bandeiras despregadas. Não podia ser, não devia ser ministro da guerra. Não teria, elle proprio, pensado em o ser em qualquer paiz civilisado.

Foi o rei quem se oppoz á sua entrada no ministerio da guerra? Seria d'alto valor historico e d'alto valor psychologico sabê-lo. Seria interessantissimo que os republicanos consagrassem Baracho como Bayard, *le chevalier sans peur et sans reproche*, como o nosso symbolo da honra em fins do seculo dezenove e aurora radiosa do seculo vinte, e que fosse o rei D. Carlos quem o repudiasse.

Não sabemos. Mas sabemos que Baracho—*le chevalier sans peur et sans reproche*—passou d'ahi por deante a ser ao mesmo tempo republicano e monarchico, a amar a Deus e ao Diabo, a collaborar no *Mundo*, a ser amigo do *Mundo*, a ser protector e defensor dos republicanos, a fazer causa commum com os maiores inimigos do rei e da monarchia sem deixar, comtudo... de ser realista e monarchico. *Le chevalier sans peur et sans reproche!*

Ferreira do Amaral, esse é o typo perfeito do *compadre* nacional. De borracha debaixo do braço e saudando, com *alegria e bonhonomia*, para a direita e para a esquerda, os que chegam e os que sam. *Bon vivant*... na paz. Baracho, o *bon vivant* na guerra. Ferreira do Amaral, o *bon vivant* na paz.

D. Quixote e Sancho Pansa, os dois grandes typos peninsulares.

Ora já vê o correspondente, que não havia então *motivos*, que os não podia haver, para se levantar a celeuma que se levantou agora. Os monarchicos estavam assim. E os republicanos andavam pela *proxima*. O Affonso Costa, então amigo de João Franco, estava com um pé na monarchia e outro pé na republica. Verdadeiro Borda d'Agua, espreitava os ventos e examinava os astros. O Silva Graça, do *Seculo*, mandava baptisar as filhas, registadas civilmente, para poderem entrar, com decencia, no *mundo da alta roda*. O França Borges vivia ás sopas da Margarida das Flores. O Arthur Leitão apanhava duzentos mil reis á sogra para metter o filho, destinado ao registo civil, na pia baptismal. O Cunha e Costa era, em Santos, vice-consul de sua majestade. O João Chagas era empregado,—mas para receber o ordenado, unicamente, é preciso notar-se,—da Companhia de Moçambique. E assim por deante. Então quem é que havia de escrevinhar e parolar contra a *barbara sentença* firmada pelos srs. Ferreira do Amaral e Dantas Baracho?

Barbara, sem duvida. Não podemos applaudir, não o applaude democrata nenhum, o desrespeito á religião catholica. A qualquer religião. Mas, sobretudo, á religião catholica, que é a religião do Estado e da enorme maioria dos portuguezes. Cuspir a hostia é, evidentemente, um desrespeito grande. Mas, alem de dois annos de penitenciaria ser, para o caso, castigo demasiado, é preciso recordar que os soldados foram coagidos a violentar a sua consciencia. Lembramo-nos muito bem do caso. Mas não conhecemos as suas minucias. Conhecendo, todavia, os usos dos quarteis e os regulamentos militares, não temos a menor duvida em affirmar que os homens foram coagidos a um acto que não queriam praticar. Não eram catholicos, é de ver. Declararam-no, provavelmente. Pediram que os não forçassem a violentar a sua consciencia. Não foram attendidos. E, depois, o resto.

Havia motivo para os applaudir? Não. Negassem-se a ir á egreja, que ninguem os levava á força. Seriam castigados, mas não seriam arrastados. Ir á egreja para praticar um acto d'aquelles era verdadeiramente imperdoavel. Comtudo, tinham attenuantes e, em qualquer caso, a condemnação foi severissima. Toda a comparação com o caso de Vizeu redunda em favor dos soldados. Pois os *libaraes* Baracho e Ferreira do Amaral ferraram com elles na Penitenciaria, *fóra o resto*: a prisão preventiva, as consequencias militares. *Fóra o resto*, como diz o correspondente e diz muito bem. E nenhum *libaral* se lembrou de subir ao palanque para excitar na turbamulta o sentimento democratico.

Onde estaria o Bombarda, o grande Bombarda, n'esse momento?

Isto é tudo uma pouca vergonha, isto é tudo uma infamissima especulação. Se n'esta terra houvesse democratas, o que elles teriam feito, o que, sobretudo, fariam n'este momento, seria levar palavras d'alento, de conforto, d'estimulo, ao padre e a todas as classes da sociedade portugueza. D'isso é que nós precisamos. O essencial, para nós, é sahir d'este marasmo, d'esta indifferença, d'esta *estupidez* em que temos vivido. E' crear amor ao trabalho. E' adquirir civismo. E' educarmo-nos na verdadeira liberdade. E' convencermo-nos bem de que ou mudamos de rumo ou estamos, em pouco tempo, irremediavelmente perdidos.

A obra da salvação da patria, temo-lo dicto muita vez, não ha de vir da republica, nem da monarchia. Não ha de ser fructo d'este ou d'aquelle governo, d'este ou d'aquelle regimen. Ha de vir de nós todos, da nação, da massa geral dos que trabalham e produzem. D'outra forma, succederá... o que já succedeu. O partido republicano é uma quadrilha tão completa, ou mais completa, tão odiosa ou mais odiosa, que a quadrilha da monarchia. A republica servirá unicamente para ser explorada, como o regimen constitucional, em favor dos aventureiros da politica.

Não falta espirito religioso na Inglaterra. Não falta espirito religioso na Suissa. Na Allemanha ha um poderosissimo partido catholico a viver entre arreigadas crenças protestantes. Com todas as suas reacções democraticas, a França é muito mais religiosa do que Portugal. A Belgica tem sido governada pelo partido catholico especialmente. E não deixa a Belgica de ser uma nação livre e progressiva. E não deixam a Inglaterra, a Allemanha, a Suissa, de ser paizes modelares sob todos os pontos de vista. Não seria o espirito religioso, nós que não temos as poderosas congregações que dominavam a França, que não temos o padre fanatico da Hespanha, que nos havia de matar, se tivessemos instrucção e civismo.

Com o padre tem-se feito, como com todas as classes da sociedade portugueza, uma verdadeira obra d'estupidez. Todo o trabalho feito contra o padre tem sido um trabalho de sectarismo, um trabalho de fanatismo. Accusâmos o fanatismo do padre e os chamados liberaes não teem feito senão obra de fanatismo. Em logar de termos convertido o padre, animando-o, estimulando-o, attrahindo-o, n'um instrumento de civilisação e de progresso publico, desalentámo-lo, tornámo-lo desconfiado, irritámo-lo, mesmo, fazendo-o um objecto de especulação e de desprezo.

A sociedade portugueza não estava, não está, em condições de desaproveitar nenhum dos seus elementos. Nenhum! O que ha a fazer aqui não é destruir. Não se viu ainda, na cegueira da politiquice em que ha tantos annos vivemos, que *está tudo destruido*. Parece impossivel, mas é verdade. Ainda não se viu isto!

Está tudo destruido. Destruimos de mais, não destruimos de menos. Demais, demais, e é o nosso grande inconveniente! Fizemos obra de anarchismo, quando não estavamos preparados nem para obra de liberal conservantismo. Acabámos com a instituição religiosa, como acabámos com a instituição militar, como acabámos com a instituição da familia. Em Portugal não ha verdadeiro espirito religioso, como não ha verdadeiro espirito militar, como não ha verdadeiro espirito de familia. Acabou o regimen monarchico, acabou a aristocracia, extinguiu-se o espirito de auctoridade, extinguiu-se tudo. Andamos para ahi a falar em frades, a falar em freiras, quando a verdade é que nem temos padres, quanto mais frades e freiras. O padre, o verdadeiro padre, o homem da casta, não existe em Portugal. O padre em Portugal ou é um bom cidadão ou é *um pandego*. São as duas classes, padres e militares, aquellas em que ainda se encontram mais vestigios do passado. Incontestavelmente. Mas o padre, o verdadeiro padre, o militar, o verdadeiro militar, o profissional, o amante, o esturrado, vivendo da sua profissão e para a sua profissão, esse que tanto abunda ainda em outros paizes, em Portugal não existe. Não existe!

Não existe nada da tradição, não existe nada do passado. Extinguiu-se a grande propriedade, extinguiu-se o vinculo, extinguiu-se o convento, extinguiu-se o throno, extinguiu-se o quartel, extinguiram-se os velhos usos, extinguiram-se os velhos trajos, extinguiram-se os velhos monumentos, extinguiu-se tudo. Passou um vento d'insania, de desoladora, de desastrosa insania por esta terra infeliz. E n'este campo deserto não houve forças, depois, para crear coisa nenhuma. Não temos coisa que se pareça com a moderna industria, com a moderna agricultura, com o moderno commercio. Não se creou a grande burguezia, não se formou o grande proletariado, uma força substituindo outra força, uma jerarchia para o logar d'outra jerarchia. Ficámos como um homem posto fóra de casa por um grande furacão. Errámos, vagueámos, até cahirmos na ociosidade e no vicio.

E aqui andamos, a beberricar, a clamar, sem plano, sem norte, a dar com a cabeça nas paredes. Essa campanha contra o clericalismo não é outra coisa. E' uma especulação. Mas uma especulação de maltrapilhos, de beberrões, d'ociosos, de vadios.

Tribuna

Jules Huret conta-nos como na Allemanha se faz o ensino das linguas vivas. Ora vejamos, que tudo isto é muito interessante:

On m'avait rapporté qu'il existe à Francfort un collège modèle où, entre autres perfectionnements, on enseigne les langues étrangères, notamment le français et l'anglais, mieux qu'en importe quelle autre ville d'Allemagne. Je n'étais pas fâché de me rendre compte de la méthode qu'on y emploie.

Cette école modèle s'appelle *Musterschule*. Elle est dirigée par le professeur Walter, qui s'est dévoué à cette œuvre avec un ardeur d'apôtre.

Du bâtiment, des salles de classes, du matériel, je ne dirai rien. Qu'il suffise de savoir qu'ils réalisent le dernier progrès du luxe et du confort scolaire: laboratoires de physique et de chimie, collections d'histoire naturelle sont ceux d'une Faculté! Et nous sommes dans un collège d'enseignement moderne qu'on appelle ici: *Realschule*.

Le directeur, M. Walter, est un homme solide, sanguin, rouge de teint, brun de poil, á l'œil noir, ardent comme un Méridional, qui parle notre langue avec une facilité joyeuse. C'est précisément lui qui s'est chargé de la classe de français.

— Il est dur, me dit-il, de faire tenir à cette école les promesses de son titre, car il est bien ambitieux. Pourtant nous faisons ce que nous pouvons pour le mériter, maîtres et élèves.

M. Walter m'explique la mèthode qu'il suit. C'est celle qui fut inaugurée à Francfort, si j'ai bonne mémoire, par M. Reinhardt, aujourd'hui l'un des plus hauts fonctionnaires de l'administration de l'instruction publique à Berlin.

Le principe, comme dans cette extraordinaire méthode Berlitz qui reste quand même à la tête de l'enseignement privé, consiste à ne pas prononcer un seul mot d'allemand pendant l'heure de la leçon. Plus de ces thèmes, plus de ces versions abrutissants et stériles. Il s'agit de reconstituer, pour les élèves âgés de douze à quatorze ans, la méthode naturelle qui a permis aux enfants d'apprendre leur langue maternelle. Cultiver l'attention et la mémoire, ne pas rebuter par des régles et des théories qui demandent un gros travail à l'intelligence de l'enfant, à ses facultés de réflexion et de comparaison, ne s'adresser qu'à sa mémoire musicale et visuelle par les sons des mots parlés et les signes des mots écrits au tableau: voici le principe.

Plus tard, seulemet, quand les enfants ont appris un certain nombre de vocables, et savent déjà former des phrases correctes, on leur explique, en allemand, et progressivement, les règles de grammaire, selon l'occasion des textes parlés et des exercices. Et peu à la fois, par petites doses espacées et appropriées à la force d'attention de l'élève.

Donc, comme chez Berlitz, la leçon purement orale, des mots simples, usuels, d'un emploi fréquent. Puis les verbes auxiliaires, les verbes les plus utiles, puis quelques substantifs, des adjectifs, une combinaison des uns et des autres, et des phrases plus compliquées. Puis des récits de choses vues, très simples, des descriptions sommaires de tableaux et d'images. Ainsi l'on continue à cultiver à la fois les deux mémoires les plus souples des enfants: celle des yeux et celle des oreilles.

Je passe sur la méthode phonétique, qui me paraît excellente, puisque le professeur allemand et ses élèves ont tous un accent à peu près irréprochable. Et j'arrive à l'enseignement proprement dit.

Continuaremos no proximo numero este ponto interessante.

Prostitutos

O *Portugal* pedia-nos que lhe enviassemos o numero do *Povo de Aveiro* em que foi transcripta do *Mundo* a celebre poesia contra Cunha e Costa. Ou, então, se não tivessemos nenhum exemplar d'esse numero, uma nova transcripção.

Não temos nenhum exemplar d'esse numero. Alem d'isso, convem hoje muito uma outra transcripção. Vamos, pois, transcrever.

Para elucidação dos leitores menos em dia com as coisas politicas, diremos que a poesia foi escripta e publicada depois das janellas do *Seculo*, a incitamentos do *Mundo*, terem sido partidas á pedrada pela plebe fanatisada, a *cauda lamacenta de todas as democracias*, como então lhe chamava Cunha e Costa.

Eis a interessante poesia:

SILVA GRAÇA E O OUTRO

(No gabinete oriental do dono do "Seculo„)

I

(Monologo de Silva Graça)

Foi-se o vidro! Deixa-lo! Ha de porem dar juro!
Hão de pagar-mo caro!

(MUDA DE TOM)

Eu tremo do futuro!
Já baixei, só n'um mez, trinta mil exemplares...
E tu não és, João Franco, homem p'ra me ajudares.
E's tão unhas de fome, ó servo de Bragança,
que pareces ter ganho o que te deu a herança!
Nada! Em ti não me fio ou em teu amo, não!
Isto aqui é fazer das tripas coração.
Se esta charola está quasi a ruir disposta,
é metter-lhe uma cunha, evitar dár á costa.
Felizmente que tenho agentes superfinos:
gatunos e ladrões e filhos d'assassinos;
malandros d'estes taes que o proprio pae engeita; (1)
gente que rosna, e morde, e foje e me deleita!
bufos, *condotieri*, homens de saco e corda,
matilha que o imbecil do meu publico engorda.
Um lá está a ganir, todo atascado em lama;
vejamos se tambem o outro responde á fama.

II

(ENTRA O ANÃO) (2)

Silva Graça

Anda cá!

(O anão avançando de rastos)

Meu senhor!

Silva Graça

Ora vamos a ver.
Sentes-te acaso com força p'ra morder?

O anão

Julgo servir.—Eu sou dinamico e biologico;
leio revistas; tenho um saber chronologico
que me ajuda a enfiar datas e anedoctas
faço artigos de fundo e posso fazer botas;
sou de borracha; affronto assim os pontapés;
nasci p'ra o seu jornal por não haver galés;
uso uma penna culta, afiada em navalha
e, pagando-me bem, verá como trabalha
podendo assim unir, para ficar tranquillo
ao seu rei do Calão o capango do Estilo,

Silva Graça

'Stá bem! Saltas-me então no *Mundo* e na Republica
Renegado! Vaes ter emfim tua voz publica.
O que pensas dizer?

O anão

Oh! meu senhor! Eu? Tudo!
Direi que Portugal está n'um periodo agudo;
que a Republica cae já sobre a terra, exangue...
porque o *Mundo* só quer a dynamite e o sangue...
Direi tudo em linguagem cheia de nobreza:
que a partir vidros foi que a Revolução franceza,
essa tragica explosão de cannibaes e féras
promoveu o Terror, que é o espanto das Eras;
que elles querem cortar essa fronte que vale
muito mais que a da infeliz princeza de Lamballe;
que o senhor é um santo, e um martyr sublime;
que nós somos a Honra, e que elles são o Crime;
e que pondo do seu rei o retrato fronteiro
ao Teixeira de Sousa e ao Hintze Ribeiro,
o meu senhor mostrou a esse *Mundo* acrata
como se é, a valer, um grande democrata!

Silva Graça

(satisfeito)

Muito bem! Muito bem! Emfim, vou ver-te á prova.
E quanto te hei de dar, se levares uma sova?

O anão

(cubiçoso)

Quero um conto de reis por cada orelha abaixo;

Silva Graça

(com uma careta)

Se morreres?...

O anão

(melancholico)

O retrato, em fórma de capacho,
envolto na libré, a qual tão bem me vae,
E com a biographia escrita por meu pae...„

A allusão mais sangrenta, quasi infame, feita ao Cunha e Costa, está na passagem relativa á *biographia escripta pelo pae*.

Eis a biographia:

Elle é anão, myope da alma e do corpo, magro como a burra do Palito Metrico, já deitou sangue pela bocca e tem horror ao cheiro da polvora.

Pessimo filho, neto detestavel e irmão inutil, seria ainda peor soldado. Farás e farão os teus collegas um relevante serviço á Patria, dispensando do serviço militar o poltrão que por dever paterno tenho o desgosto de te recommendar.

Cunha e Costa ia á Junta d'Inspecção Militar. E o pae escrevia essa carta a um dos medicos da Junta.

Unir-se depois d'isso Cunha e Costa aos do *Mundo*, e os do *Mundo* a Cunha e Costa, passado um anno apenas, ou pouco mais, quente a affronta, vivas as injurias, ainda as chagas gottejando sangue, é o acto de maior desvergonha politica que temos conhecido n'esta terra.

Um impudor. Mais, uma verdadeira indecencia.

Não esquecer que o principal auctor d'essa indecencia foi o pelintrão mór que dá pelo nome de Bernardino Machado.

O farçante! O pelintrão!

(1) Allusão clara ao Cunha e Costa.
(2) O anão é o Cunha e Costa.

Phantastico

Isto é um paiz phantastico, verdadeiramente phantastico. Um paiz unico na Europa. Um paiz unico no mundo.

O sr. Antonio Mourão julgou-se, no Porto, offendido pelo sr. Cortez, director da *Palavra*. E enviou ao sr. Cortez duas testemunhas.

Estava o sr. Antonio Mourão no seu plenissimo direito. Não ha de que o censurar.

Respondeu o sr. Cortez que não se batia. Porque era catholico, accrescentou. Escusava de accrescentar coisa nenhuma. Não se batia... porque não se batia. Estava dicto tudo. E usava d'um direito egual áquelle de que usara o sr. Antonio Mourão.

Quem quer *bater*, tem o direito de não mandar consultar outro sobre o genero de pancada que lhe ha de ser applicado, e o instrumento com que ha de ser castigado. Mas se consulta, o outro tem o direito de responder: *Bata com o que quizer e como quizer mas dispensando-me de consultas e de praxes.*

Não é resposta de fidalgo. Mas ninguem é obrigado a ser fidalgo. Se a *democracia* ainda chega a prender um homem para fidalgo, digo-lhes que tem graça!

Que não se batia, pois, o sr. Cortez. Mas que mantinha tudo quanto havia dicto. Que não retirava coisa alguma.

Tendo sido esta a resposta transmittida por meio de carta ás testemunhas do sr. Antonio Mourão, estas, vendo na carta palavras injuriosas para o seu constituinte, procuraram o sr. Cortez para lhe observar que não podiam acceitar uma carta n'aquelles termos. Tinham razão. Achou-lhes razão o proprio sr. Cortez e escreveu outra carta sem termo algum offensivo para o sr. Antonio Mourão.

Estava acabado? As testemunhas do sr. Antonio Mourão transmittiram ao sr. Antonio Mourão, pura e simplesmente, a carta do sr. Cortez. já escripta em termos d'elles a poderem transmittir ao sr. Mourão? Qual historia! As testemunhas do sr. Mourão *commentaram*. E commentaram... insultando o sr. Cortez! E' dos *codigos da honra!*

Phantastico! Não era preciso mais nada, se muitas outras provas, no mesmo sentido, já não houvera, para mostrar que, em vez d'um paiz de *fidalgos*, como quer ser, isto não passa, e nunca passou, d'um paiz de *gallegos*.

E' phantastico!

Sendo-nos vedado discutir essa carta do offensor de V.ª Ex.ª entendemos dever dar por finda a nossa intervenção, *perante quem buscando razões inacceitaveis se apresentou sem coragem para responder pelos seus actos.*

E' phantastico! E' duplamente phantastico!

E' phantastico pelo insulto e é phantastico... pela razão do insulto! E' phantastico pela grosseria e é phantastico pela estupidez!

A que desceu... esta reles macacaria nacional!

SOMMA E SEGUE

Mais um titulo para a Margarida das Flores reclamar perdas e damnos do... glorioso regimen republicano. Quando elle vier!

Lia-se no *Mundo*, de quarta-feira:

A *Palavra*, onde o conde de Samodães foi substituir o Cortez, referindo-se hontem a uma falsidade, mais que uma vez desmentida, commenta:

Ah! Mas então o feroz inimigo da monarchia sempre lhe vae acceitando o "assucar„das passeatas de graça... Sempre se vê cada gajo!...

Gajo... — E' assim que fala, entre nós, a imprensa catholica—como os bebedos grosseiros devem falar nos baixos prostibulos.

Como os *bebedos grosseiros* devem falar, é modestia, ó França. Você, Affonso Costa e Ribas d'Avellar nunca falaramo d'outra maneira. Mas chamar baixo prostibulo á casa que lhe matou a fome, é peor do que ingratidão: é infamia.

E exaltava o tratante do Bernardino a *gratidão* do França Borges!

Somma e segue

Aos patriotas! Aos portuguezes!

Temos continuado a receber informações de toda a parte sobre as tremendas immoralidades da grande quadrilha republicana.

Venham ellas! Venham ellas! E' um dever de civismo! E' um acto de patriotismo!

Nós promettemos absoluta discreção. Não precisamos que os outros assumam responsabilidades. Assumimo-las nós. Não temos medo. Temos as costas largas. Só exigimos, e essa exigencia fazemo-la rigorosamente, *a maior verdade*. Que haja verdade! Não exigimos mais nada.

Venham informações. Toca a formar o grande *dossier* da redempção nacional.

Venham ellas. E não se esqueçam do Affonso Costa. Recommendamos esse bandido, cheio de mazellas, em especial.

Bazilio Telles

Annunciam os jornaes republicanos que partiu para o extrangeiro o sr. Bazilio Telles.

Que grandes idiotas! A quem conhece os habitos de Bazilio Telles é o mesmo que dizer, com essa noticia o que elle...foi fazer ao extrangeiro! Por isso nós temo dicto e diremos: *o governo não precisa de policia secreta! Basta estar attento ao que dizem abertamente os republicanos e ao que elles abertamente fazem.*

Não fazes nada, Bazilio. Não te fadou Deus para conspirador nem para...diplomata!

De resto, toda a gente sabe que os republicanos põem o maior empenho em fazer *estoirar a coisa* antes do rei ir a Inglaterra.

Esperem por essa.

Ah...eternos idiotas!

LADRÕES

O documento que se segue já foi publicado na *Folha do Povo* em 1906. Não perdeu, por isso, o seu interesse. Alem disso, a grande maioria dos leitores do *Povo de Aveiro* não o conhecem. E', pois, de toda a vantagem reproduzi-lo.

Como se verá, é uma ladroeira. E' um verdadeiro acto de *chantage*. Ligando-o com outros actos posteriores, com o caso da *Companhia dos Phosphoros*, a que nos havemos de referir ainda, com o caso Leandro, com a persistencia em considerar benemeritos os que roubam e falsificam em favor do movimento revolucionario, resulta nitidamente provado que o *jesuitismo laico* é o mais perigoso n'este paiz, como vimos affirmando, e que o partido republicano é, como o temos definido, a maior, a mais perigosa quadrilha partidaria.

Alem d'esse auto de reunião do conselho de familia, e do accordão do conselho de tutela, publicou a *Folha do Povo* as *verbas* dos 24:500$000 reis. Isso é medonho. Transcreve-las-hemos no proxímo numero. Mas isso é medonho. Basta dizer-se que só por ir do Porto á Galliza, com o socio Germano Martins, levou d'uma vez Affonso Costa **4:500$000 reis**. Por outra vez **3:600$000 reis.**

E' medonho. Ver-se-ha. E' medonho, mas é interessantissimo. Interessantissimo não só pelo exaggerado das verbas, mas, sobretudo, pelas *lerias e tretas de chantage* com que ellas são explicadas.

E são estes grandes ladrões de advogados, e outros grandes ladrões de medicos como elles, a encherem a bocca com *humanidade*, com *liberdade*, com *egualdade e fraternidade*, **os grandes jesuitas, os infamissimos jesuitas, os peores dos jesuitas, os jesuitla laicos.**

São esses!

Auto

de reunião do conselho de familia, a fl. 553

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e quatro, aos dois de julho, n'esta cidade do Porto e tribunal da segunda vara civel, em S. João Novo, aonde veio o Doutor Candido Augusto d'Oliveira, juiz de Direito da mesma vara, com o Doutor Ayres Guedes Coutinho Garrido, Curador Geral dos Orphãos junto d'este juizo, comigo escrivão e o respectivo official de diligencias José Joaquim Coelho da Silva; sendo onze horas da manhã e devendo ter logar a reunião do conselho de familia nomeado n'este processo de interdicção por demencia de Joaquim Esteves Ribeiro, internado no hospital do Conde de Ferreira, ordenou elle juiz ao official que annunciasse este acto e fizesse as necessarias interpelações, ao que o mesmo official satisfez e deu fé estarem presentes: Manuel José Teixeira Bastos, como tutor do interdicto, e seu procurador Adrião Ferreira dos Santos e os vogaes do conselho de familia, commendador Joaquim Bernardino Guimarães, Manuel Joaquim Teixeira Pinto Costa, Adão Placido Marinho Falcão, João José d'Almeida e Augusto Pinto Chaim, bem como o pro tutor Sebastião Alves de Freitas. Depois de tomarem todos os seus respectivos logares, mandou elle juiz que eu escrivão lesse, como li, o requerimento do tutor a folhas quinhentas e quize sobre um debito de sete contos de reis, pertencente ao interdicto e exístente no Brazil—cidade do Rio de Janeiro—: e pelo conselho de familia, depois de ouvidas as explicações verbaes, dadas pelo tutor, foi deliberado por maioria conceder a este a auctorisação pedida n'aquelle requerimento, prestando depois contas do uso d'essa auctorisação.

Em seguida passou o conselho de familia a tomar conhecimento do requerimento de folhas quinhentas e dezenove e do relatorio que acompanha esse requerimento; e, tendo sido ouvidos n'este acto o tutor e pro tutor, foram ambos de parecer que se devia pagar a quantia de vinte e quatro contos e quinhentos **mil** réis aos advogados Doutores Affonso Costa e Germano Martins, pelos serviços por elles prestados, constantes do referido relatorio,—foi deliberado pela maioria dos vogaes presentes approvar o pagamento da referida quantia de vinte e quatro contos e quinhentos mil réis pedida pelos ditos advogados, proveniente dos serviços por elles prestados constantes do dito relatorio, **tendo votado contra** os vogaes João José d'Almeida e Augusto Pinto Chaim, **declarando que não podiam approvar uma conta tão fabulosa e exaggerada** pelos serviços indicados no mencionado relatorio, e tanto mais que, por occasião de se conceder auctorisação para serem intentadas quaesquer causas civeis ou crimes, fôra ponderado por elles dois vogaes que **o muito que se poderia gastar seriam dois contos de réis,** não obstante não se ter feito menção d'isso no respectivo auto, por não ser tomada deliberação alguma a tal respeito. Mais deliberou por maioria o mesmo conselho, **contra a opinião dos dois referidos vogaes,** que a dita quantia de vinte e quatro contos e quinhentos mil réis fosse paga pelo dinheiro pertencente ao interdicto no inventario dos paes d'este.

Em seguida, pelo senhor Doutor Curador Geral, foi pedida a palavra, e, sendo-lhe concedida, **pelo mesmo Majistrado foi dito—que não se podia conformar com a deliberação do conselho de familia,** na parte em que deferiu o requerimento de folhas quinhentas e desenove e auctorisou o pagamento da quantia de vinte e quatro contos e quinhentos mil réis, proveniente de honorarios a que se julgam com direito os senhores advogados doutores Affonso Costa e Germano Martins, **por lhe parecer exaggerada a importancia pedida;** que esta falta é devida unicamente ao tutor **que tinha obrigação restricta,** no exercicio das suas funcções, **de zelar os interesses do interdicto, que lhe estavam confiados,** procurando por todos os meios ao seu alcance ser **economico** e **previdente.** Por estes motivos, recorria para o conselho de tutela da deliberação que por maioria acabava de ser tomada pelo conselho de familia, sómente na parte relativa ao pedido constante da petição de fl.ˢ quinhentas e desenove, e requeria que, havido por interposto o seu recurso, se ordenasse que o processo ficasse no cartorio durante tres dias, para o fim estatuido no artigo setecentos noventa e quatro do Codigo do Processo Civil, subindo depois á conclusão, para os effeitos competentes; ao que o meritissimo Juiz Presidente deferiu, dando ao mesmo tempo o acto por concluido. De tudo lavrei este auto que elle Juiz assignou com o senhor Doutor Curador, os vogaes do conselho, tutor, pro tutor, procurador, e official, depois de ser a todos lido por mim Antonio Dias da Costa, escrivão, que o escrevi. Candido Augusto d'Oliveira, Ayres Garrido, Joaquim Bernardino Guimarães, Manoel Joaquim Teixeira Pinto Costa, Adão Placido Marinho Falcão, João José d'Almeida, Augusto Pinto Chaim, Manoel José Teixeira Bastos, Sebastião Alves de Freitas, Adrião Ferreira dos Santos, José Joaqnim Coelho da Silva, Antonio Dias da Costa.

ACCORDÃO, A FL. 563

Os vogaes do conselho de tutela conhecendo do recurso interposto pelo Doutor Curador geral dos Orfãos da deliberação do conselho de familia, constante do auto de folhas quinhentas cincoenta e trez a quinhentas cicoenta e seis, na parte apenas, em que foi concedida auctorisação ao tutor do interdicto Joaquim Esteves Ribeiro, para pagar pelos bens d'este a quantia de vinte e quatro contos e quinhentos mil réis aos Doutores Affonso Costa e Germano Martins, pelos serviços por elles prestados, na qualidade d'advogados do dito interdicto nas duas causas civel e criminal em que foi respectivamente reu e auctor, constantes do relatorio firmado por esses advogados e por elles apresentado ao tutor Manuel José Teixeira Bastos, e por este junto de folhas quinhentas vinte e uma a folhas quinhentas quarenta e sete com o seu requerimento de folhas quinhentas e dezoito e,

Attendendo a que a contia de vinte e quatro contos e quinhentos mil reis em que os referidos advogados reputam, a seu arbitrio, os indicados serviços, **carecia,** para poder ser devidamente apreciada e attendida, **que todos esses serviços viessem acompanhados de uma conta em que especificadamente se declarasse a remuneração referente a cada um d'elles, conta essa, porém, que se não juntou,** afim de por essa fórma se poder com perfeito conhecimento avaliar em conformidade com o disposto no artigo mil tresentos e cincoenta e nove do Codigo Civil, da **procedencia do pedido de semelhante quantia,** e assim conceder-se ou negar-se a auctorisação para o seu pagamento; Attendendo a que os serviços indicados no mencionado relatorio, comquanto importantes, a sua importancia, porém, bem como a sua correspondente retribuição só pelos meios legaes e na competente acção é que póde e deve ser devidamente apreciada e julgada, decretando-se ahi o pagamento do que fôr justamente devido, e não auctorisar-se, como se auctorisou, o pagamento d'uma tão importante e avultada quantia, como são vinte e quatro contos e quinhentos mil réis, **por uma simples deliberação do conselho de familia,** tomada sem elementos alguns em que fosse **justamente baseada,** e muito principalmente quando a auctorisação foi por maioria dos seus vogaes, e dois d'estes, que votaram contra, declararam assim votar por considerarem **exaggerada e fabulosa a quantia pedida.**

Accordam em dar provimento ao presente recurso, revogando, como revogam, a deliberação recorrida que concedeu a indicada auctorisação ao tutor para pagamento dos ditos advogados da mencionada quantia pelos bens do interdicto, deixando, porém, a quem se julgar prejudicado com esta decisão, direito salvo para haver do interdicto, pela competente acção, o que justamente for devido pelos referidos serviços. Custas pelo interdicto. Intime-se. Porto nove de julho de mil nove centos e quatro. *Candido Augusto de Oliveira, Joaquim José da Cruz Capello, Alvaro de Moura Coelho.* Foi presente *Ayres Garrido.* Certifico mais que o accordam que ficou transcripto transitou em julgado, e que á sessão do conselho de tutela não foram presentes os doutores Affonso Costa e Germano Martins.

O referido é verdade do que dou fé, assim como egualmente dou minha fé que nada mais se continha nas ditas peças do processo, que para aqui mandei extrahir a requerimento verbal, do solicitador Antonio da Costa Mascarenhas. Porto, vinte e tres de julho de mil novecentos e quatro.

E eu Antonio Dias da Costa, escrivão qne subscrevi.

Antonio Dias da Costa

(seguem sellos e reconhecimento)

Infames!

Ululam, e elles teem razão para ululare. Esta coisa d'um *desqualificado* pôr em cheque o grande partido da *justiça e da verdade*, é, de facto, caso para ululare. Concordem os leitores. Façam favor de concordar. E' caso para ululare!

Um *desqualificado*...n'um jornalsito de provincia... que sahe uma vez cada semana...

Elle é caso.

E' caso! E' maravilha! Parece milagre!

Bastaria a *justiça*, bastaria a *verdade*, do grande partido que já fez vir Jesus á terra apertar a mão ao Bombardino Rachado, para nos esmagar. Pois o raio da verdade fica muda e o estafermo da justiça fica a dormir... d'olhos vendados.

O estafermo da justiça! O raio da verdade!

E' maravilha. E' milagre.

Um monstro! Um *desqualificado!* Um miseravel *escorraçado!* Um *covarde*! Maldicto de Deus e dos homens! E afocinha deante d'elle a verdade! E a justiça escorrega e cahe de papo para o ar! E vem a correr o Margarido de lança em riste, e nada!

E em reforço do Margarido vem o Trinta de Abrantes, o Trinta d'Alcobaça, o Trinta de Gouveia, o Trinta de Penacova, o Trinta de Monte-mór, o Trinta de Soure, o Trinta de Braga, o Trinta de Chaves, o Trinta... de toda a parte, sagrados excrementos de Fuas Roupinho, do Lidador, de Nun'alvares, e nada. E nada! Quem dirá que não é milagre?

Proclama-se a guerra santa. Erguem-se, de norte a sul, de leste a oeste, até das ilhas adjacentes, até das colonias portuguezas, até da America, os prophetas contra nós. E' todo o jornalismo, são todos os jornalistas, aquem e alem mar, da redempção nacional. Gemem as machinas de qualquer rua da Quitanda, as da rua de S. Roque, os prelos desde Santa Maria até Melgaço. Desde o cabo Mondego até Valle de la Mula. E... nada!

Milagre. Mas não, já, simples milagre. Milagre dos milagre!

Idiotas! Supinos idiotas! Idiotas, que nem reparam que n'esse facto, n'esse tão simples facto, está a sua formal condemnação! Esmagadora, formidavel, terrivel condemnação!

Que espectaculo é este, que extranho espectaculo é este, d'um partido inteiro, um partido d'audacias comprovadas, um partido de revolucionarios definidos, um partido que tem posto em cheque os governos, que tem feito tremer a monarchia, se sentir mal seguro, mesmo a cambaliar, deante d'um homem só? Que espectaculo é este, que extranho espectaculo é este, d'um jornalismo numeroso, mesmo, relativamente, muito numeroso, se ver coagido, forçado, violentado, arrastado a vir a campo combater um semanario que, bem alto, tinham declarado não citar, não discutir, tinham jurado desprezar, tinham promettido, solemnemente, deixar *sem uma referencia?*

Miseraveis! Grandes miseraveis! Mas, tambem, e ainda mais, grandes idiotas!

Contra um homem *só*. Porque somos *só*! Porque não nos apoiamos em partido algum, nem em ninguem! Porque não temos ligações com partido algum, nem com ninguem! Porque nem sequer convivemos com ninguem! Porque nem sequer temos, *seja para quem for,* blandicias, uma lisonja, uma amabilidade, uma palavra de attracção!

Miseraveis! Idiotas! Como, querendo elevar-vos, desceis! Como, querendo deprimir-nos, nos elevaes a nós!

Como, querendo justificar-vos, deixaes patentes, bem patentes, as marcas da grilheta! Como, querendo infamar-nos, nos fazeis brilhar como se possuissemos uma aureola refulgente!

Desqualificado? Escorraçado? Indigno? Covarde?

Como tremeis, deante d'um *covarde*? Explicae, ó ladrões, ó assassinos, ó sicarios!

O' vós, que assassinastes o rei, ó vós, que fizestes descer até á ignominia o rei que succedeu ao rei assassinado, ó vós, que fizestes transigir indignamente uma mulher altiva, altiva por temperamento, altiva por tradição, educação, dever de jerarchia, uma aristocrata, uma princeza, uma rainha, ó vós, ó ladrões, ó assassinos, ó sicarios, que tentastes matar o dictador, que fizestes fugir, aterrado, o dictador, como estaes ahi, ó vós, bebendo o pus que vos esvurmamos implacavel d,essas pustulas malignas, como estaes ahi, ó vós, n'um sibilar terrivel de serpente, n'um rugido medonho de feras vencidas pelo domador, como estaes ahi impotentes deante d'um *covarde* que vos pisa o rabo a toda a hora, que vos vergasta a tromba a todos os instantes?

Singular espectaculo! Espectaculo nunca visto! Podémos nós mais que as bayonetas, que as peças d'artilheria, que os recursos formidaveis dos governos! Todos os governos recuaram deante dos bandidos! Tudo transigiu! Tudo abdicou! Tudo teve medo! Impunemente arremessaram lama os assassinos sobre o throno, sobre a corte, sobre os ministerios e ministros, sobre tudo. Só um homem, n'esta terra, não hesitou. Suggestionou, com a sua energia. Animou, alentou, com o seu exemplo. Aqueceu, com as suas palavras. Deu coragem, com a sua coragem. Nas suas costas, que são largas, á sua sombra, á sua custa, sob a força das suas implacaveis chicotadas, se constituiu, se avolumou, se orientou o movimento que já faz, hoje, frente audaciosa á terrivel quadrilha. E o covarde...somos nós!

Miseraveis! Grandes miseraveis! Idiotas! Grandes idiotas!

Porque formámos, como formámos nós esse movimento? Porque é este *Povo de Aveiro* devorado pelos mesmos que nos *escorraçaram*, pelos mesmos que nos *desqualificaram?* Pelo nosso talento jornalistico? Nem o divino talento de Jesus seria capaz de fazer tanto! Não ha talento nenhum, que, só por si, faça vibrar os corações. Não ha talento nenhum que, só por si, levante as almas, accorde energias, reuna batalhões. O que fez isso foi a vossa infamia, e, em face da vossa infamia, a nossa auctoridade. A nossa auctoridade!

Grandes idiotas! Grandes miseraveis!

Quem foi, ó Margarido, ó *souteneur*, ó prostituto, quem foi que *nos amparou na hora da exauctoração?* Quem foi que teve comnosco essa *extrema benevolencia?* Quem foi que nos *valeu n'essa occasião como em tantas outras nos valera?* Quem foi, prostituto? Quem foi, bilontra, quem foi, alugado da Margarida das Flores, que andas ahi a dizer que te *accusam sem provas, sem documentos*, e aos teus amigos e correligionarios, quando tu contra os outros nem sequer falas claro? Quem foi? O seu nome, miseravel!

Quaes são os documentos apresentados contra nós na Boa Hora? Quaes são, alugado da Margarida das Flores? Quaes são os interessantes pormenores d'esses documentos, miseravel?

Não ha documentos nenhuns, em parte nenhuma, contra nós, já t'o dissemos, sobre os quaes não tenha incidido a decisão *d'um jury especial*, formado por elementos de réo e accusador, alguns d'elles nossos *adversarios de toda a vida*, com os quaes nunca *trocámos uma palavra* e que nem assim deixaram, honra para elles e honra para nós, de resolver, *em tudo e por tudo*, **unanimemente** *a nosso favor.*

Não ha documentos nenhuns, considerados falsos, nas suas allegações, por esta forma, não ha pormenores nenhuns, repellidos **unanimemente** por um jury, até por aquelles membros do jury *que representavam a parte contraria*, sobre os quaes, depois d'uma decisão **unanime** d'um tribunal, não haja recahido, *inteiramente a nosso favor*, a sentença d'um juiz.

Pois queres mais provas, *e melhores provas,* pois queres mais documentos, *e melhores documentos,* ó bilontra, ó pulha, ó alugado da Margarida das Flores, que andas para ahi, como rufio que foste toda a vida, a querer enganar o publico com o pretexto de *falta de documentos e de provas?*

Queres mais provas e melhores provas? Queres mais documentos e melhores documentos? Ou subsiste para ti, canalha, e para todos os canalhas da republica, o principio, já arvorado em lei pela quadrilha, de que os tribunaes só julgam bem quando julgam a favor da quadrilha?

Nunca deixámos estes filhos. Nunca os abandonámos, para fugir na onda do vicio. Nunca trocámos as difficuldades, as agruras, as responsabilidades de os alimentar, de os educar, de velar por elles, pelos torpes, abjectos, repugnantes prazeres da orgia. Não só somos seu pae, como somos sua mãe! Sua mãe!

Ah, bem sabemos. Esta palavra sôa como um grito de maldição, e, ao mesmo tempo, como um dobre de finados, aos ouvidos... das Margaridas dissolutas. Bem sabemos!

Somos a ultima pessoa que se deita n'esta casa. Somos a primeira que n'ella se levanta. Saudamos a aurora, como a cotovia. Muitas vezes, nós primeiro que a cotovia! Vimos, como ella, nascer o sol todos os dias. Como ella, chegamos primeiro ao trabalho que o boi para puxar á charrua ou o camponez para cortar o seu milho ou ceifar a sua ceara. E, mais do que ella, porque nós fazemo-lo todo o anno e ella só o faz na primavera, e, mais do que ella, porque ella é mãe, e nós somos pae e somos mãe — temos isso a mais que a cotovia — e, mais do que ella, saudamos, a aurora, saudamos o sol que se levanta... em honra e por amor dos nossos filhos. Por amor de nós, não. Tão simples no nosso trajo, tão simples na nossa comida, tão simples em todo o nosso viver, chegava muito muito bem para nós, e crescia, aquillo que o Estado nos dá, não para trabalhar, mas...para dormir.

A essa hora, Margarido, a essa hora Margarida, revolvei-vos vós... no lodo dos prostibulos.

Eu comprehendo esse odio, Margarido, eu comprehendo esse odio, Margarida. Não é odio politico, não. Não! E' o odio que teve sempre... a ociosidade ao trabalho, o vicio á virtude.

Tenho uma creada ladra, porca ou vadia. Nunca a puz fóra, indignado, que ella não fosse diffamar... a virtude de eu não tolerar as suas ladroeiras, as suas ociosidades ou as suas porcarias. A virtude de lhe ter dicto rudemente: *ponha-se fóra d'esta casa*, em vez de, indo adeante d'uma *chantage* indecente, a ter despedido com risos e gorgetas para ella não ir para a rua... dizer mal de mim.

Eu comprehendo o teu odio de rufião, Margarido. Eu comprehendo o odio do prostituto. Eu comprehendo o odio da prostituta. Da mulher que, tendo ancia d'orgia, que, devorada em sede de libertinagem, que, incapaz de resistir á impetuosa corrente do vicio, tenta justificar a troca do lar pelo bordel, da vida de familia pela vida do prostibulo, das responsabilidades de mãe pela irresponsabilidade da meretriz, a invocar a *immoralidade e a tyrannia* do marido. Da desgraçada que, deixando os filhos sem mãe, ainda procura deixa-los sem pae, recorrendo aos rufiões e a todos os fregueses e camaradas da infamia para fazerem o descredito do marido.

Mas é inutil, Margarido. Não ha ninguem impeccavel. Todos podem ter uma tentação. Todos podem escorregar uma vez. Mas ha coisas, mas ha factos, que não representam uma tentação, uma escorregadella, mas a vileza d'alma, mas a prostituição do caracter e do corpo, mas a infamia completa. O teu, é d'esses. Alugar-se um homem a uma mulher, vender uma mulher o seu corpo aos homens, abandonar um homem os seus filhos, seja pelo que for e para o que for, trocar um homem ou uma mulher pelo amor dos seus filhos o amor do vicio, affronta os homens e affronta Deus. E' um crime contra a moral e é um crime contra a natureza. E' um attentado ao céo e ao inferno. Não ha piedade para esse criminoso, não ha perdão para essa vileza.

Tu és d'esses, grande infame, A tua vileza vê-se em tudo.

Pois o que aquella gente tem a dizer, contra accusações formadas na Boa Hora, contra condemnações dos tribunaes, contra um cadastro *repugnante, é que tambem o desqualificado* Pulha d'Aveiro *acusa varios republicanos, sem depoimentos, sem testemunhas, sem documentos, sem nenhumas provas —apenas pela sua palavra de difamador açulado pela ralé da monarchia.*

O que aquella gente tem a dizer é que sobre as accusações formadas na Boa Hora, áliás accusações de réo e não d'auctor, houve um julgamento, e que n'esse julgamento o tribunal, por **unanimidade,** incluindo, pois, os membros do tribunal nomeados por quem accusava para lhe sustentar as accusações, as repelliu inteiramente. O que essa gente tem a dizer é que quem depois d'um julgamento d'essa ordem ainda vem falar em *accusações formadas na Boa Hora*, não vendeu só o corpo á Margarida das Flores, vendeu-lhe a alma, alem do corpo, o que é cem vezes peor. O que essa gente tem a dizer é que depois d'um miseravel ter chamado a Cunha e Costa o que se vê n'outra parte d'este jornal, queixar-se de que o accusam sem depoimentos, sem testemunhas, sem documentos, sem nenhumas provas, é mostrar um tal despejo, um tal

descaramento, um tão affrontoso atrevimento, que, na verdade, ha motivos para admirar que a Margarida das Flores descesse tanto que tomasse tão ordinario rufião para o seu serviço. O que essa gente tem a dizer é que, depois d'um malandro ter tratado o Cunha e Costa como se vê n'outra parte d'esta gazeta, chama-lo para o seu serviço, exalta-lo, impo-lo como um patriota, um cidadão, um benemerito, e desatar em seguida a falar no padre Mattos e no orfão Albino, é provar que, no fim de contas, a Margarida das Flores foi uma victima innocente d'esse bandido. Elle roubou a pobre Margarida! Elle abusou da boa fé da pobre Margarida! Elle fez uma concorrencia desleal e infame á boa Margarida! O bordel, o grande bordel, o porquissimo bordel, o vilissimo bordel era na redacção do *Mundo* e não em casa da pobre Margarida! Elle roubou duplamente a pobre Margarida. Elle roubou-a, quando lhe apanhou os cobres, quando lhe comeu os chouriços, quando lhe sujou as rendas, quando lhe bebeu o vinho fino, quando lhe vomitou os tapetes, quando lhe rasgou os bons lençoes de linho, e roubou-a quando, e sobretudo, na ignorancia da pobre Margarida, lhe fez uma concorrencia infamissima na redacção do *Mundo*. Tem direito a perdas e damnos a Margarida das Flores. Lance-se a credito no grande livro da republica! A prostituição, como se vê, ainda, n'outro local d'esta gazeta, está consagrada na republica. A crapula tem honras officiaes a dentro da republica. Não bastavam as relações ostentosas de França Borges e Margarida das Flores. Não bastava o devasso Arthur Leitão. Não bastava o latrinario Padua Correia. Não bastava o porco Ribas d'Avellar. Não bastava o Trinta. Não bastavam os *Trintas* todos, desde Melgaço até Santa Maria, desde o cabo Mondego até Valle de la Mula. As prostitutas, ao verem Affonso Costa, abrem alas, erguem a fralda, á guisa de bandeira, acclamam-no com hurrahs, fazem tocar e cantam o hymno da republica. Affonso agradece ao seu povo, como já fazia em 1906 aos garotos—*o gajo mija a cheta*—no Largo de Camões; senta-se e discute com a *abelha mestra*, attentamente ouvido pelas meninas, os graves problemas a discutir no dia immediato em S. Bento. E Bombardino, pelo telephone, manda a benção!

Tem honras officiaes, a crapula, a dentro da republica. Identificaram-se intimamente, tudo o demonstra, tudo o prova, prostituição e republica. A Margarida tem direito a perdas e damnos. A Margarida tem direito a uma pensão. A Margarida, triplamente roubada, pois ha ainda a notar que, ao passo que ella tinha a nobre franqueza de pôr á sua casa de negocio o rotulo da prostituição, o malandrão do França Borges punha á sua o rotulo da virtude!

Por hoje, *é o que esta gente tem a dizer*. Por hoje, prova-se que o França, afinal, é indigno da Margarida das Flores.

O resto dir-se-ha, e provar-se-ha, em outro dia.

O Povo de Aveiro

Por conveniencia d'expediente supprimimos hoje as vinhetas que sahiram no ultimo numero e que reapparecerão quando o julgarmos opportuno.

Já hoje deve sahir mais bem impresso o *Povo de Aveiro* e assim iremos melhorando os serviços.

E' Elle

E' tal e qual elle!
Escrevem-nos de Lisboa:

A critica historica exige hoje o conhecimento absoluto das personalidades que estuda. Para que não falte, no futuro, a menor linha caracteristica, da personalidade, já agora tristemente historica, do sr. Affonso Costa, deixe que lhe contemos um facto por muitos titulos interessante.

Na Rua Nova da Trindade, no 2º andar por cima mesmo da redacção do *Paiz*, ha uma casa de *passe*, dirigida por uma matrona portugueza e conhecido pelo nome *Petit-Hotel*. Ha por alli lindas pequenas . . . á venda. Uma das ultimas noites visitava *officialmente* esse *cabaret* o sr. dr. Affonso Costa com o seu adjunto Ribas de Avellar. E dizemos *officialmente*, porque apenas o *illustre* democrata entrou na sala logo uma caixa de musica rompeu com a *Marselheza*, em tom marcial. Tremei, manes de Rouget de Lisle! Não sabemos dizer a v. se as pequenas deram vivas á Republica, em ar garoto, de perna á vela. O que sabemos é que o *illustre* pae da patria descutia politica, d'ahi a pouco, com a dona da casa, uma illustre matrona, que é . . . partidaria do *Mundo*.

E' elle. E' tal e qual elle. E' elle, o Makavenko, o borgueiro, o tachada, o dissoluto, que passa metade da vida a pregar moralidade e a accusar os outros d'immoraes e outra metade a roubar e a . . . fazer d'aquillo!

E' elle! E' elle!

Informações prosteriores esclareceram o que na informação anterior estava em duvida. As pequenas abriram alas, levantaram a fralda á guisa de bandeira *redemptora*, deram hurrahs ao grande parlamentar e vivas á republica.

N. B. Nem só a dona do Peti-Hotel é partidaria do *Mundo*. Todas as donas de *petiz-hoteis* em Lisboa são partidarias do *Mundo*.

São as amazonas da Republica.

A grande quadrilha

Recebemos a carta que se segue:

Vi—e muito agradeço—as palavras que V. escreveu, commentando a carta que para esse jornal enviei—satisfazendo assim o pedido por V. feito—ácerca do Cunha e Costa, o antigo redactor da *Voz Publica*, do Porto.

Muito agradeço essas palavras.

E' incontestavel que V. revelou e tem revelado até aqui—como eu estou pouco habituado a ver—um patriotismo ousado e nobre.

V., n'esta grande obra de saneamento a que se propoz, tem sido unico de ousadia e de perseverança.

Tem V.,—pode sinceramente crer—a minha sympathica adhesão.

O que eu escrevi sobre Cunha e Costa é verdadeiro. E' absolutamente verdadeiro.

N'esse districto ha cavalheiros (titulares, até) que conhecem bem, do Rio de Janeiro, a *União Portugueza*. Todos elles—tenho a certeza d'isso—conhecem os factos por mim apontados.

A *União Portugueza* tratou d'isto em artigos consecutivos. Em artigos de fundo, firmados pelo jornalista Eugenio Silveira.

Depois o *Diario de Santos* e *Tribuna do Povo*, d'aquella cidade paulistana (Santos) tambem se referiram largamente ao caso.

Que pena tenho de não possuir tão preciosos exemplares?!

Descance, porém, V. Vou empregar meios de alguma coisa poder conseguir. Dê-me V. trinta a quarenta dias de espera...

. . . . . .

Recordo-me bem, sr. director. Eu estava em S. Paulo. Sabendo que Cunha e Costa estava em evidencia, para um negocio em que elle me podia valer, (tratava-se do *Correio Paulistano*, onde elle escrevia) procurei-o. Desculpou-se, não me attendendo. Eu estava em más condições de vida. O que lhe fui pedir não era precisamente dinheiro. Mas equivalia a um grande serviço.

Estava bem collocado, e facil lhe era satisfazer-me. Não o fez.

Não me occorre agora o nome da rua onde elle residia. Mas procurei-o em casa um domingo de manhã.

Desculpando-se, com pretextos que a mim não passaram despercebidos, disse-me que na occasião nada me podia fazer. Que não tinha grandes meios. Que **só mais tarde, pela morte do sogro**, receberia qualquer coisa. Isto disse-m'o elle a mim.

Eu não posso saber a que sogro se referia elle...

O que affirmo a V., debaixo do mais solemne juramento, e promptificando-me a fazel-o por qualquer outra maneira que V. entender,—é que toda a gente em S. Paulo, que conhecia Cunha e Costa, dizia que este era casado... e casado com a filha d'um titular do antigo regimen, titular desviado da politica, e que como sua esposa se portasse mal, elle a abandonara.

Havia até quem, por tal acontecimento, o lastimasse.

Isto é a verdade!

E' tambem verdade que elle foi nomeado vice-consul de Portugal em Santos. (O consulado é na capital do Estado). Foi na vaga do commendador Luiz de Mattos. Houve intriga n'esta nomeação, affirmo a V. Quem, em certas occasiões substituia Luiz de Mattos, era um sr. Bithencourt, cavalheiro respeitavel e immensamente popular em Santos. Toda a gente esperava que fosse este o nomeado.

Não foi. Imprevistamente, apparece a nomeação de Cunha e Costa.

O ministro portuguez no Rio, ao tempo, se não me engano, era Antonio Ennes.

Não garanto isto a V., mas parece-me que era.

A colonia portugueza de Santos, da qual eu fazia modesta parte, não recebeu com jubilo esta nomeação.

Reuniu a colonia, primeira, segunda e terceira vez. Correspondeu-se com o ministro. Chegou até a telegraphar a D. Carlos.

Mas o bacharel ficou.

A *União Portugueza*, então o unico jornal portuguez que se publicava no Rio, tratou do assumpto. Cunha e Costa, **em artigos firmados**—não estou em erro—por **Eugenio da Silveira**, foi violentamente tratado. Foi alcunhado de vendido e renegado. Intimou-o até a que abandonasse aquelle logar!

A colonia reuniu mais uma vez, e resolveu n'esse mesmo dia procurar o consul hespanhol e confiar-lhe a guarda dos seus interesses!

Isto foi largamente publicado. Isto é conhecidissimo em Santos!

Queira V. informar-se na casa Rocha & Irmão, da rua de Santo Antonio, em Santos; queira pedir informações ao jornalista portuguez, Francisco Pereira, que lá ainda deve estar; informe-se V. com quem quizer, e verá a verdade do que affirmo.

...Mas... eu farei por conseguir algumas provas.

Aquelle homem, que eu classifico d'um verdadeiro bandalho, talvez esteja incurso em artigo gravissimo do Codigo Penal.

Continue, pois, V. n'essa grande obra. Vou procurar informes a fonte muito segura.

E mais tarde, se V. consentir, tambem direi o que o mesmo bacharel Cunha e Costa escreveu n'um roda-pé do *Jornal do Brazil*, do Rio de Janeiro (1), quando foi d'um caso aqui, em Portugal, succedido, por occasião de uma das actuaes rainhas, n'uma praia, ter salvo um homem, que, dizia-se, por seu turuo, em mesmas circumstancias, tinha tambem salvo seu filho, annos atraz...

E' para V. melhor conhecer a força do immoralissimo malandro!

Esta carta, cuja assignatura não publicamos por não sabermos se o auctor o deseja e nós só quebramos a nossa discreção quando pessoalmente auctorisado a isso, esta carta, continua, como se vê, a alimentar a suspeita de Cunha e Costa ter casado no Brazil segunda vez. Nada se pode affirmar a não ser que o malandrete é capaz de tudo isso e de muito mais.

Uma senhora, com quem nós falavamos ha dois dias, e que viveu muitos annos no Rio de Janeiro, respondia-nos a uma pergunta que lhe faziamos sobre o assumpto: "Eu estou convencida de que elle casou no Brazil. Passava lá, para todo o mundo, por ter casado. Podia ser que elle o dissesse sem o ter feito. Mas eu estou convencida de que o *dizia* e de que o *tinha feito*.„

E' extranha esta insistencia. Insistencia de todo o mundo, ao que se vê. Será pela facilidade com que os portuguezes, da laia do Cunha e Costa, praticam actos d'esses no Brazil. Será. Em todo o caso, a suspeita subsiste e com muitas probabilidades de ser verdadeira.

Que Cunha e Costa, diz o auctor da carta, talvez esteja incurso em artigo gravissimo do Codigo Penal! Ah, isso está. Em mais do que um artigo gravissimo do *Codigo Penal* Ora veja-se o que diz est'outra carta:

Com referencia á honestidade de Cunha e Costa, durante a sua permanencia no Brazil, ouvi contar a um portuguez, hoje residente em Lisboa, e que muitos annos esteve estabelecido no Rio de Janeiro, o seguinte:

«Que uma commissão de portuguezes residentes em Santos, veio á capital pedir ao consul geral, Barbosa Centeno, a destituição de *vice-consul* do Cunha e Costa, firmando a referida commissão o seu pedido na narração dos escandalos por Cunha e Costa praticados, feita n'um folheto, de que era portadora.

A um outro individuo que fez parte de uma companhia theatral, que achando-se em Santos assistiu á campanha que a imprensa d'aquella cidade fazia contra Cunha e Costa, porque sendo este thesoureiro, (por desempenhar o logar de vice-consul) da subscripção iniciada no Brazil pela colonia portugueza para obter os fundos necessarios para offerecer um vaso de guerra ao governo portuguez, Cunha e Costa se alapardou com 60 contos de réis fracos.

Um outro individuo, proprietario, hoje em Lisboa, e antigo emprezario de companhias theatraes, tambem em pleno Café Suisso diz a quem quer ouvir que Cunha e Costa lhe roubou 300 mil reis, porque havendo-lhe abonado esta quantia pelo trabalho prommettido de uma traducção, ainda até hoje esse trabalho não appareceu, apesar de já passados cinco ou seis annos, etc., etc.

. . . . . .»

Tem V. facilidade em apurar a veracidade d'estes factos, sobretudo dos dois primeiros, porque a muitas pessoas os tenho ouvido contar.

Prometteram-me o folheto. Se o sujeito que o suppõe entre muita papellada que tem, o encontrar, enviarlh'o-hei.

Isso é que era bom, o folheto. Uma verdadeira mina! Veia se arranja isso e mande.

De resto não sei se a historia dos 60 contos de reis fracos será exaggerada. Quem conta um conto sempre lhe accrescenta um ponto. Mas o que se vê de tudo, o que se conclue claramente é que Cunha e Costa se fartou de commetter no Brazil maroteiras de toda a ordem. Sobre isso é que não ha duvida nenhuma. Traficante já elle era em Portugal. Foi para o Brazil e lá, como é do estylo, tornou-se correcto e augmentado.

Pergunta-se agora: como foi que o sr. Antonio Luiz Gomes, o Catão, recommendou este homem em Portugal?

O partido republicano tem, a proposito d'este Cunha e Costa, como a proposito de tudo, tremendas responsabilidades.

Como já contámos aqui, Cunha e Costa, antes de sahir do Brazil, procurou ser recebido no partido progresista com honras de marechal. Não o tendo conseguido, poz-se de capa. E começon a atirar com o anzol para *todos os mares*.

Escreveu a João de Menezes, a Antonio José d'Almeida, e a outros *do seu tempo dé Coimbra*, logo que chegou a Lisboa. Ninguem lhe respondeu. Agarrou-se então ás abas da casaca de Bernardino, e Bernardino, que não quer em volta de si senão pulhas e engraxadores, como viu que tinha n'elle homem para tudo, começou a protege-lo. Passados mezes, Bernardino quiz faze-lo entrar no partido republicano com honras de capitolio. Oppoz-se João de Menezes e oppoz-se Brito Camacho. Então, para vencer esta resistencia, Bernardino, reforçado por Antonio José d'Almeida, que n'isso andou muito mal, oppoz á auctoridade de João de Menezes e de Brito Camacho a auctoridade de Antonio Luiz Gomes. Segundo Antonio Luiz Gomes, Cunha e Costa era um rapaz honesto! Cunha e Costa tinha-se sempre portado muito bem no Brazil! Cunha e Costa era um heroe! Parece impossivel, mas é verdade. Não que nós o ouvissemos a Antonio Luiz Gomes. Mas ouvimo-lo a pessoa auctorisada.

Brito Camacho e João de Menezes, que não são homens para nada, que são uns covardões, como o geral dos partidarios, acuaram, e Cunha Costa . . . entrou pelo partido republicano dentro de bandeira desfraldada.

E' claro que Antonio Luiz Gomes estava farto da conhecer Cunha e Costa. Farto de o conhecer tambem estava o sr. Antonio José d'Almeida. Mas quizeram fazer uma *pirraça* a João de Menezes e a Brito Camacho. Donde se vê que é tal a atmosphera d'immoralidade dentro do partido republicano que até homens pessoalmente honestos, como Antonio Luiz Gomes e Antonio José d'Almeida, dentro d'elle . . . immoraes.

Não ha duvida. O partido republicano passa á historia como uma grande quadrilha dentro da qual não houve um gesto nobre de revolta, um grito austero de protesto, uma intransigencia rasgadamente intelligente a rasgadamente honesta.

Triste é dize-lo. Mas é verdade.

(1) N'este jornal estavam tambem, por essa occasião, os portuguezes Julião Machado, caricaturista, e Machado Correia, hoje redactor do *Noticias de Lisboa*, e Arthur Costa, actual correspondente do Rio para o *Commercio do Porto*, e que ainda hoje, no mesmo jornal fluminense, occupa o logar de secretario. Testemunhas vivinhas da costa...

O bacharel ganhava um conto de reis, fracos, por mez.

De Nenhures

3 de setembro

Essa questão toda, meu amigo, de homem e mulher, vem ainda de nós querermos ser superiores á natureza. A mulher não é como o homem. A natureza fez a mulher differente do homem. Como havemos nós de ser superiores á natureza? Como pretendemos nós ser superiores á natureza?

Que triste coisa, estarem os mais graves problemas da humanidade entregues nas mãos d'umas duzias d'iesignificantes!

D'insignificantes, d'ignorantes, de doentes, de desequilibrados. Porque geralmente, meu amigo, o homem que lança as *idéas* e que sustenta as *idéas*, que propaga as *idéas*, não é o homem são. Não é o homem de tino, o analysta, o observador desapaixonado. Não é o homem que sabe e que pensa. E' o *parvenu*, é o *poseur*, é o ignorante, é o doente. Esses é que são, em regra, os jornalistas, os escriptores, os homens da penna e da palavra.

Alem da sua ignorancia, da sua falta de equilibrio, esses homens, ainda talvez porque são ignorantes e desequilibrados, não teem nunca o objectivo da verdade. Toda a sua preoccupação é *dar na vista*. E' tornarem-se salientes. E' distinguirem-se dos outros.

E' uma raça de gente que o meu amigo muito bem conhece. Uns dão na vista pela cabelleira. Outros pelos collarinhos. Outros pelas luvas, ou por um conjunto de modos e trajos particulares. E outros pelos idéas exoticas ou disparatadas. Estas idéas vão chocar outros pretenciosos ou desequilibrados. A maioria, composta em toda a parte d'inconscientes ou d'indifferentes, massa inerte, não reage. E assim se formam essas correntes em que vae adormecida a humanidade. Que só accorda quando esbarra.

Sim, meu caro, que só accorda quando esbarra. Diz-se que triumpha sempre a verdade. Não, meu caro, é um engano. Triumpha sempre o erro. A verdade só apparece quando o homem escorrega e cahe. Então, quando o sangue lhe rebenta das feridas, é que elle vê a verdade.

N'isso, como em muitas outras coisas, se parecem os homens com os patos. Aqui, por estes sitios, é costume em certas manhãs os homens percorrerem a praia á procura de patos do mar. Sabe o que é? São os patos que adormecem sobre as ondas. Alli andam, contentes, embalados n'aquelle berço enorme. Mas, de repente, surprehende-os uma onda mais forte e ahi veem elles cahir estatelados na praia.

O homem é assim. Tambem se deixa embalar pelo canto da sereia. Tambem adormece sobre o abysmo, a toda a hora. Triumpha a verdade? Triumpha. Quando elle vem cahir estatelado na praia. Triumpha, por entre destroços e mortes. Triumpha, por entre lagrimas e sangue e afflições e dores de toda a ordem. Triumpha . . . para os que escapam da morte. Sem que a gente saiba, muitas vezes, quaes são os mais felizes: se os que morreram, se os que viveram, para ficarem a pagar . . . os juros da mora.

Tudo isso de amor livre, de egualdade entre os dois sexos, d'anarchismo vario, são os cantos da sereia com que o homem se deixa adormecer sobre as ondas do mar. Quando accorda? Quando *triumpha a verdade?* Quando apparece estatelado na praia. Então, sim. A' custa da pelle arrancada, das costellas quebradas, e dos que . . . ficaram para sempre adormecidos na praia!

E' a velha sabedoria das nações, meu amigo. *Todos querem experimentar a pedrada na sua cabeça.* E' a velha sabedoria das nações! Em o homem apanhando a pedrada na cabeça, então, sim, então accorda, então triumpha a verdade.

A mulher não é egual ao homem, meu amigo. A natureza fe-la differente. Eu não sei nada de sciencia, já lhe disse, e, por isso, não vou rebuscar o cerebro, ou o figado, ou o utero da mulher para affirmar esta verdade. Olho em roda de mim, e mais nada!

O moral está intimamente ligado ao material. A sciencia affirma-o. Mas, independente d'isso, eu vejo-o. Ha mulheres que nasceram prostitutas. Ha mulheres, como homens, que nasceram ladras, bebedas, emfim, viciosas. Teem o vicio innato. Ha mulheres, como homens, que nasceram desordeiras, irasciveis, intrataveis. Ha mulheres, como homens, cheias d'exquisitices. Qual é a causa capital das incompatibilidades do lar? E' essa. Mas cura o amor livre ou o divorcio o vicio nato da prostituição? Cura o amor livre ou o divorcio as perturbações hystericas de toda a ordem? Cura o amor livre ou o divorcio as tendencias, tantas vezes irresistiveis, para o vicio, para o mal? E' o amor livre, ou o divorcio, remedio milagroso para a figadeira ou para o baço? Não. Então, subsistem as causas capitaes d'incompatibilidade entre os dois sexos, umas vezes originadas no homem, outras vezes originadas na mulher.

Isto é limpido, meu amigo. Vamos lá ao chavão: é brilhante como diamante.

Alem d'isso, porém, a mulher tem umas faculdades, o homem tem outras. A mulher tem uma missão, o homem tem outra. Querer equiparar, absolutamente, o homem á mulher, é o desconchavo dos desconchavos. Comtudo, anda meia humanidade envolvida n'esse desconchavo.

Eu já disse aqui muitas vezes, n'este *Povo de Aveiro*, e torno-o a dizer porque é a verdade das verdades, eu já disse aqui muitas vezes que só ha uma maneira de eguallar as condições sociaes e politicas do homem e da mulher: é fazer com que a mulher não tenha filhos ou pôr o homem... a gerar Pode ser? Vamos, se pode ser está resolvido o problema. Se não pode ser, o problema continua insoluvel.

Isto é, mesmo assim não teria inteira solução sem mais um appendice: tornar homens e mnlheres hermaphroditas. Fazer com que o homem tivesse filhos ou com que a mulher os não tivesse, não bastava. Era insufficiente. Precisava-se de mais isto: que o homem fosse homem e mulher ao mesmo tempo e que a mulher fosse mulher e homem ao mesmo tempo. Então, sim; egualado o physico podia-se egualar o moral e o intellectual.

E não hei de eu dizer que o homem é doido! Pois que é? Pois de que lhe serve a cabeça, se esta não passa d'um caldeirão onde fervem e refervem trapalhadas?

Não é doido? Só esta coisa d'elle querer alterar a natureza!

Eu julgo que Deus não creou o homem senão para seu divertimento e da corte celestial. A' maneira dos antigos bobos, nós só servimos para despertar o appetite e descarregar o mau humor da divindade. Que risadas, que graça, que interesse, não deve provocar na corte celestial esta nossa eterna cabra cega!

Nós a correrm os para a direita quando deviamos correr para a esquerda! Nós a fugirmos do abysmo e a cahirmos no abysmo! Nós a querermos subir para o empyreo e a descermos para o inferno! Nós a julgarmo-nos com a mão em cima da verdade para, quando a abrimos, ficarmos em face da mentira com cara d'asno . . . Ah, meu caro amigo, como esta eterna creança, como este doidinho deve divertir a divindade! Que bobo no fundo, que nós somos!

Deus deve-se rir. Mas tambem ás vezes se deve irritar! . . . E' natural que se irrite. Os antigos reis permittiam tudo aos bobos. Mas, quando os bobos eram muito atrevidos, chegavam a irritar-se. E' natural que Deus se irrite. Nós somos, por vezes, muito atrevidos. Nós somos, por vezes, muito pretenciosos. Ora a pretenção é sempre irritante, mesmo quando faz rir a bandeiras despregadas. A gente ri-se do pretencioso. Mas no fundo d'esse riso existe sempre vontade... de lhe dar um pontapé.

E, afinal, esses banhos de chuva que a a gente apanha de vez em quando, essa tormenta do cacos com que, em certas occasiões, somos corridos e fustigados, não são, não devem ser, mais que pontapés da divindade. E eu comprehendo muito bem a irritação da divindade. Todos nós, começando por nos rir d'um tolo, acabamos por nos irritar.

A mulher tem a sua funcção, a mulher tem o seu papel. Quem lh'o traçou? A natureza. Temos a pretenção do o alterar? Louca pretenção que nos ha de sair cara!

C.

VALENTÕES

Decididamente, isto é o Grão-Ducado de Gerolstein. Agora anda-se em grande averiguação se o sr. Alexandre de Albuquerque apanhou ou não apanhou uma bofetada no comicio da Fogueira.

Francamente, o sr. Alexandre de Albuquerque, que é um homem intelligente e digno, não se devia preoccupar com essas ninharias.

Papoilinhas

Os da papoilinha andam damnados. Oh que sorte, oh que bella sorte!

Oh que bella sorte com o comicio da Fogueira!

Até o cynico do Padua Correia esteve dois dias sem roubar nada a ninguem. Tal foi a commoção nervosa!

O França Borges, esse chorou de raiva no regaço da Margarida das Flores. A Margarida das Flores estava banzada. Nunca tinha visto o seu *Chico* tão *amaricado!*

Oh que sorte, que bella sorte que deu o Margarido em especial e todos os da papoilinha em geral!

Que em breves tempos tanto o concelho de Anadia como o d'Agueda, como outros do districto d'Aveiro, estão dominados pelo partido republicano!

Oh que sorte, oh que bella sorte! Oh que grandissimos idiotas! Oh que pedaços d'asnos!

Que a armadilha caricata dos monarchicos na Fogueira serviu muito, pelo tedio causado aos proprios monarchicos, a causa republicana.

Oh que grandes, oh que grandissimos idiotas!

E' a festejar a *victoria republicana* que o Margarido dedica um *artigo de fundo* ao comicio da Fogueira, um *diz-se*, e, alem do *artigo de fundo* e do *diz-se*, inteiro, quasi tres columnas da primeira pagina em tres dias successivos?

Oh que sorte, oh que grande sorte que deu o Margarido, e os papoilinhas em geral!

Porrada para cima d'elles. Porrada e agua á jarra. Não andavam para ahi a ameaçar céos e terra com a sua revoluçãp? Não andavam para ahi a dizer que o paiz inteiro estava do lado d'elles? Então provem-no agora. Vamos, provem-no! Quanto mais os monarchicos fizerem mais razão teem elles, os republicanos, para o provar. Vamos. Respondam á porrada com porrada. Vamos, vamos, que é urgente definir os campos, que é urgente resolver esta questão. Porrada e agua á jarra.

O comicio da Fogueira serviu a causa republicana? Então de que te queixas, Margarido? Então temos nós razão para dizer: *porrada e agua á jarra*. Pois então nós estamos a servir a causa da tua quadrilha e ainda te revoltas contra nós? Porrada e agua á jarra, que é a contento de gregos e troyanos.

Quem escreve estas linhas nem soube do comicio da Fogueira. No domingo de manhã vieram aqui, a esta typographia, encommendar numerosos exemplares do *Povo de Aveiro*. Ninguem nos dissse para que era, nem nós o perguntámos. Nunca perguntamos—comprehende-o todo o mundo—aos compradores do *Povo de Aveiro* quem são, porque compram o jornal e para que compram o jornal. Compra quem quer e para o que quer.

Encommendaram-nos aqui muitos exemplare. Estava a machina trabalhando, mandámos buscar mais papel, mandámos tirar, a mais, os exemplares encommendados, limitando-nos a perguntar ao chefe da typographia, que estava presente: "O que ha hoje para ahi?„

O director da typographia não sabia. Um rapaz é que objectou, do lado: "Parace que ha hoje um comicio ahi para os lados de Anadia.„ Nada mais soubemos, senão no dia seguinte pela leitura dos jornaes.

Eis a *nossa collaboração* no comicio da Fogueira! Distribuiram-se lá muitos exemplares do *Povo de Aveiro*? Como se podem distribuir n'outras partes. Todos os dias nos pedem, até em telegrammas, exemplares do *Povo de Aveiro*. Quem pede? Para que pedem? Nós queremos lá saber! São monarchicos, os que pedem? Sao republicanas? Nós queremos lá saber! Pede quem quer, e para o que quer, e emquanto nós temos exemplares para vender, vendemos a *todo o mundo que os pede*.

Não tivemos, pois, nada com o comicio da Fogueira, mas achamos que os monarchicos *andaram muito bem em fazer o que fizeram*. Nem podiamos achar outra coisa, desde que fomos nós que aconselhámos os monarchicos n'este *Povo de Aveiro* a intervirem em todas as manifestações republicanas.

Esse conselho foi nosso. E começou a ser seguido, como muitos conselhos que aqui temos dado. E como outros ainda hão de ser seguidos . . . quando chegar a opportunidade.

E démos esse conselho aos monarchicos por odio aos republicanos? Não. Foi pela necessidade impreterivel de se estabelecer a ordem. Nós não podemos viver sem ordem. Mata-nos, inutilisa-nos, anniquila-nos, esta vida de perennal desordem. E desde que o governo era incapaz d'estabelecer a ordem, de que havia ella de resultar senão da iniciativa e da acção vigorosa do cidadão?

No futuro se averiguará que fomos n'esta terra, e n'este periodo, um agente d'ordem mais seguro e efficaz que os governos com todos os grandes recursos que lhes poem nas mãos os sellos do Estado.

Os governos, com todas as suas espingardas, as suas peças d'artilheria, o seu corpo de segurança, o seu serviço d'espionagem, tremeram com medo dos republicanos depois da morte do rei D. Carlos. Só houve um homem publico n'esta terra que conservou deante d'elles a maxima firmeza e a maxima serenidade. Fomos nós, o *covarde*. Fomos nós, que não nos limitámos á defesa, nem a um ataque simulado. Que carregámos sobre elles com energia inabalavel. E com plena consciencia, pois não somos um fanfarrão nem um pedaço d'asno, dos perigos que, a todo o instante, nos assaltavam e assaltam. Não somos um fanfarrão nem um pedaço d'asno. Os perigos que corriamos e corremos, em lucta com esses sicarios, sabemo-los nós.

Mas era preciso e é preciso. Julgam os idiotas dos quadrilheiros republicanos que nos cega o odio. Enganam-se. E' claro que lhes temos má vontade. Muito má vontade. Mas outro motivo mais alto nos guia os passos. E' o amor da nossa patria. E por amor da nossa patria desejavamos e desejamos ardentemente a paz e a ordem. E desde que os governos eram compostos de insignificantes e covardes, só havia um recurso: estimular os brios particulares, levantar a alma nacional até ao ponto dos temperamentos mais activos se pronunciarem. Era preciso, e é, deitar agua fria sobre a cabeça dos republicanos. Convence-los de que não estão em paiz conquistado e que lhes não são permittidos exaggeros de qualquer ordem de que ainda ha opinião publica n'esta terra e alguma energia nos adversarios. N'um palavra: era preciso restabelecer o equilibri

que estava quebrado. Ora este equilibrio, não podia voltar senão quando os monarchicos se *pozessem á tesa* com os partidarios do *Mundo* e do Bombardino Rachado.

Foi isso que nos levou e leva a aconselhar *resistencia aberta*. E a prova de que viamos bem, de que tinhamos precisa noção das circumstancias, é que os republicanos começam a *afrouxar*.

Viamos nitidamente. Tinhamos exacta noção das circumstancias. E d'essa forma não prestavamos só um serviço á causa da ordem, da liberdade e da patria. Prestavamos um grande serviço á propria causa democratica. O partido republicano é impossivel, como está. Convençam-se bem d'isso todos os republicanos intelligentes e sinceros. Para que o partido republicano seja uma coisa séria, é preciso destruir os seus matagaes de feras á foiçada. O partido republicano está comido de piolhos. Não faz nada, nada, sem que, por si ou por outros, sacuda a valer a piolhada.

Não fomos ao comicio da Fogueira. Nada tivemos com elle. Nem soubemos d'elle senão depois de realisado. Mas sendo nós que aconselhámos a resistencia, e que a vimos, de ha mezes, aconselhando, não temos senão que applaudir a resistencia de que n'elle se deu provas.

Resistam. Resistam energicamente. Resistam, que ainda a resistencia vem em principio e já, como previamos, começam os republicanos *a entrar na ordem*. Só assim se restabelece o equilibrio. Só assim se suppre a acção pusillanime, a acção covarde dos *homens d'estado*. Só assim se estabelece o uso e o costume de proceder teso, com republicanos e... monarchicos.

Vamos, vamos. Que o paiz accorde. Que se habitue a manifestar-se. A bem. Mas quando não bastar a energia a bem, que seja a mal. E para esses casos, dada a insolencia e a ameaça affrontosa dos republicanos, é que temos dicto e dizemos:

Porrada tesa. Porrada de crear bicho. Porrada e agua á jarra.

Velhas Opiniões

Em 4 de setembro 1887, diziamos:

Um dia levantou-se uma questão de jesuitismo e de clericalismo. Provado ficou n'este jornal, que a boa doutrina, os bons principios e a boa seriedade estavam da parte dos que entendiam que o jesuitismo não era mais que uma esphinge, e que, para se fazer alguma cousa d'util e de pratico pela causa democratica, era necessario estabelecer uma corrente nacional contra o espirito reaccionario que nos domina em todas as regiões officiaes. Pois os dirigentes, por esse unico facto, accusaram de intolerantes e de vendidos os que sustentavam a verdade e a razão, rompendo com elles todas as relações pessoaes e politicas.....

N'outro dia, este jornal censurou o directorio pela marcha que incutia ao partido, censuras suaves, brandas, muito longe do combate decidido que lhe movemos hoje. Foi quanto bastou para que n'umas eleições geraes, consultados todos os centros e todos os jornaes republicanos sobre os candidatos a propôr e mais conducta a seguir, fossem excluidos d'essa consulta o *Povo de Aveiro* e o centro republicano d'esta localidade. As eleições fizeram-se, sem que se tivesse em conta para cousa alguma do mundo a dedicação e a sinceridade dos republicanos de Aveiro, só porque um d'elles, no uso da sua iudependencia e liberdade jornalistica, ousára, com *muito respeito* aliaz, não acreditar na infallibilidade do directorio republicano. O cumulo da tolerancia e da habilidade politica por parte d'aquelles senhores!

D'outra vez, uma parte da opinião republicana reclamou um programma para o partido afim de que todos os correligionarios soubessem a que se ater e o paiz conhecesse o nosso rumo, as nossas intenções e a nossa responsabilidade. Não foi preciso mais nada para que os orgãos dos dirigentes sahissem a campo insinuar que essa facção obedecia a manejos do governo e ordens da policia!.....

Fartaram-se de berrar e de gritar contra os *intransigentes*, contra os *discolos*, contra os *indisciplinados*, que eramos nós e os que nos acompanhavam e applaudiam. Dissemos-lhes que os intransigentes transigiriam quando elles quizessem, que os discolos se converteriam em mansos e doceis, que os indisciplinados seriam disciplinados. Bastava que seguissem uma conducta genuinamente democratica. Bastava que deixassem d'intrigar e de calumniar. Bastava que convocassem um congresso publico, que n'elle, ou antes d'elle como preliminar, estabelecessem a concordia e a paz entre todos os grupos, que a elles e só a elles pertencia como chefes essa iniciativa, e formulassem um programma medio que satisfizesse a todas as aspirações, programma facilimo de formular e facilimo de fazer acceitar. Porque o não quizeram, porque não fizeram tudo o que ahi fica mencionado? Porque nunca tiveram convicções; porque nunca tiveram principios; porque nunca andaram n'isto de boa fé; porque nunca obedeceram senão ás suas ambições e ao seu orgulho.

São *insufficientes os processos empregados até hoje*, sr. Jacintho Nunes? E' apertada a situação do partido republicano? São, sim, senhor; é, sim, senhor, mas insufficientes por causa, culpa e crime da chefatura a que o sr. pertence; mas apertada porque o sr. a apertou e mais quem o applaude, quem o louva e quem o approva. (1) Por isso, e porque no fim ainda é cruel troçar da ingenuidade do povo, como o sr. e os seus collegas troçaram com a sua decantada proposta, emquanto nós tivermos força e emquanto nós tivermos chibata, havemos de arrancar a todos a pelle n'este pelourinho popular e publico. E' justiça sem contemplações mas nunca gostámos, nem d'aguas mornas nem de meia justiça. Só nos agrada a justiça a valer.

Então vão ouvindo que teem que ouvir.

PROVINCIAS

LAGOS

Publicou v. a carta do dr. Jeronymo Rato ao padre João Henrique e por ella se viu perfeitamente o caracter e a intelligencia do dr. Rato. V. poz em relevo apenas as suas grandes tolices litterarias. Ha cavadores de enxada, apesar de vivermos em paiz d'analphabetos, que escrevem melhor do que aquelle bacharel. Mas não basta pôr em relevo a estupidez do homem. E' preciso pôr-lhe em relevo, tambem, o caracter. Ora um homem, bacharel formado, presidente da camara, que escreve uma carta chula, grosseirissima, como aquella, não ficou só definido como intelligencia; ficou tambem definido como caracter.

Demais, não era com elle a questão, e nem sequer era uma questão politica. A questão era sobre litteratura e travada com um tal J. Berger (por alcunha o *Buiça*, o *manquinha*, o *espanta mortos*, o *traço forte*), vice-presidente da camara. A guerra ao padre vem do simples facto d'este ser monarchico e como tal defender as suas idéas e a classe ecclesiastica e ainda por transcrever no seu jornal artigos do *Povo de Aveiro*, que elles odeiam de morte. Nada mais ha que justifique procedimento tão barbaro, sendo ha pouco o mesmo padre aggredido por um filho do Berger, pelas costas, e quando aquelle sahia da sua missa com as vestes sacerdotaes, não podendo por isso defender-se. Chegaram a este extremo por não poderem defender-se com justiça e para ver se conseguem que o padre saia d'aqui. O processo da aggressão está no poder judicial. Este padre é um homem de bem, vivendo em companhia de duas irmãs, a quem sustenta. *Tem só o defeito de defender a Egreja*, o que elles não admittem.

O partido republicano, sendo aqui relativamemte numeroso, está desacreditado pelos elementos desgraçados de que se compõe. Jeronymo Rato, depois de ter sido republicano, foi franquista. Deixou de ser franquista por não lhe terem dado a administração do concelho e o logar de conservador. Sem querer entrar agora em actos de caracter mais reservado, *onde elle tem manifestado bem o que é*, basta, para mostrar a *sua democracia*, dizer-lhe o seguinte:

Ha pouco convidou todas as auctoridades para um bando precatorio em beneficio de Benavente. Pois no dia em que sahiu o bando metteu-se em casa para não acompanhar um collega *que não tinha casaca*, fingindo-se doente.

Mas é tudo assim.

Um dos dirigentes do partido republicano foi sargento de artilheria. Levou baixa de *posto* depois de ter respondido a conselho de guerra por gatuno. Hoje, é dos predestinados a reformar a patria pela *justiça e a virtude*.

Ha pouco foi eleita a commissão municipal republicana. Quem havia de ficar presidente? Um tal Fernando, o *Précuras*, **que não sabe escrever**. Cada palavra que diz é uma asneira e assigna de cruz o que os correligionarios escrevem. Note que os mariolas, elegendo este homem, pozeram de parte o que lá tinham, á altura de exercer o seu logar, mas que é decente e digno, com o grande defeito de, ser coherente e não concordar com as pulhices praticadas pelos correligionarios.

Mas note v. que são elles quem manda. Aqui, como no resto do paiz, o que você, aliás, tem por mais do que uma vez registado no *Povo de Aveiro*. E queixam-se da reacção!

(1) Devemos declarar que estamos hoje convencido de que o sr. Jacintho Nunes era sincero nos seus propositos.

O perigo é a reacção! Portugal morre, se quanto antes não enforcarem os padres todos!

Assim, contam-se entre os proprios republicanos militantes o tenente medico e o commandante militar. O tenente medico, porque fazia propaganda descaradamente, na propria sede do hospital militar onde se realisavam reuniões republicanas, foi transferido para cavallaria 10. Então elle e o sogro, que é o commandante militar, marcharam para Lisboa ... a fazer profissão de fé monarchica. E auxiliados por varios monarchicos d'aqui, que os recommendavam na esperança de lhes virem a apanhar alguns votos, pois são ricos e influentes, conseguiram ... *obter justiça*. Para continuarem como dantes, accusando ainda por cima a *reacção* e dizendo-se victimas. O procedimento dos dois homens é incorrectissimo, pois tendo ambos fortuna, como teem, assistia-lhes o dever de dizerem abertamente aquillo que são e o que pensam. Mas não é menos incorrecto o procedimento dos homens *que governam a monarchia*. Isto é uma choldra.

Ninguem tem convicções. Uma grande choldra. A tres metros da guarda principal, no centro da cidade, tem o commandante militar duas tascas, em predio seu, onde se vende vinho tambem seu e onde toda a gente vê os soldados da mesma guarda estarem a beberricar, e, d'envolta com elles, typos perdidos de bebedos a dizerem palavrões indecentes no districto da guarda! Muitas vezes temos visto grupos da gente mais immunda e desgraçada da cidade deitada proximo donde passeia a sentinella, chegando esta a desviar-se do seu giro para não ter de enxotar a matula. Veja v. o estado de desmoralisação a que isto chegou. E o que nós temos a esperar dos que apregôam ...a *reforma dos costumes!*

VÁRIA

Livros

Temos em nosso poder varias obras que amavelmente nos foram offerecidas quer por auctores quer por editores e a que ainda nos não referimos por absoluta falta de tempo e de espaço.

Fa-lo-hemos n'um dos proximos numeros.

Desculpem-nos os editores e os auctores a involuntaria falta.

—†—

Guerra ás moscas

E' de velha data a guerra ás moscas. Tem-se empregado mil meios para as destruir sem conseguir encontrar-se porém um meio decisivo de anniquilar a praga maldita. Um inglez, M. Hill, não desesperando de resolver a difficuldade, inventou um novo meio que affirma efficaz, desafiando todas as moscas do universo a que se batam com o aldehydo formico, base do novo preparado. Parece, pelas experiencias feitas, que os damninhos insectos teem atracção irresistivel pelo mata-moscas do inglez e correm para elle como boi para o vermelho. Seria pois o mata-moscas descoberta valiosa se não tivesse inconvenientes graves. Assim a vaporisação do acido formico causa perturbações cerebraes que se não podem inpunemente soffrer. E' preciso ter continuamente as janellas e portas abertas para bem ventilar as salas, e não se admitte que a gente deixe de morrer da picadela d'uma mosca que matará ou não, para morrer d'uma pneumonia que mata sempre.

Entretanto não ha duvida que os insectos são perigosos inimigos do homem e que entre elles as moscas batem o *record*. Como escreve acertadamente o dr. Howard, citado algures pelo dr. L. Caze, a mosca é um dos peores inimigos do homem, e o dictado que diz *não fazer mal nem mesmo a uma mosca* é uma heresia sentimental em materia de hygiene.

A mosca commum, a mosca das nossas casas, para não falar já na transmissora da febre amarella, da malaria, do cholera aziatico, da ophtalmia purulenta, da tuberculose, da doença do somno, possue orgãos adaptados de forma a absorver os germens morbidos e a transportá-los para o ponto onde poise novamente, introduzindo-os ahi. E' portanto um perigoso bicho. Os americanos acabam de fundar uma liga contra as moscas. Os physiologistas dizem que o homem não morre; que é morto pelos insectos, pelas moscas. E ahi está como um animal tão pequeno revoluciona o mundo e ha-de acabar por desapparecer, quando podia muito bem levar vida feliz e tranquilla, se não fosse tão impertinente e tão nocivo.

O mesmo que succede aos republicanos ... em Portugal.

—†—

Ibsen na pharmacia

Goette tem um museu em Weimar. Shakespeare em Stratfort-sur-Avon. Não é injusto que Ibsen tenha o seu na pharmacia de Grimstad, onde foi aprendiz e depois ajudante, e onde escreveu a *Catilina*, seu primeiro drama.

Jorge Brandées, sabendo que a pharmacia de Grimstad ia fechar as suas portas, lembrou-se de abrir uma subscripção entre os ibsenianos, para a comprar. A somma indispensavel arranjou-se já com o auxilio do Shorting norueguez e a pharmacia de Ibsen passará a ser o seu museu.

Gloria ao grande dramaturgo!

—†—

Tolstoï

Passou ha dias o 80 anniversario de Tolstoi, o grande artista e nobre caracter que a Russia deu e o mundo tem. O grande artista dizemos propositadamente, para contrastar com o *grande pensador* empregado por todos. Tolstoï é um caracter nobilissimo. Mas não é, em nenhum caso, um pensador. Longe d'isso. Como obras de especulação philosophica todos os seus livros são maus, ou pessimos. Como obras de arte raros deixam de ser notaveis. Quem leu as cartas de Tolstoï que *La plume* publicou, quem leu *Les Paroles d'un Homme Libre*, quem leu *Amour et Liberté*, quem leu *La Guerre et La Paix*, quem leu tantissimas outras obras de Tolstoï não pode dizer, sem grave offensa para a sciencia, para a justiça e para a razão, que Tolstoï é um pensador. Tolstoï é um artista de raro talento, um luctador incansavel, um bello caracter e nada mais.

Mas quem nos encommendaria o sermão?

Estavamos a prégar no deserto!

—†—

Os sem trabalho

Informações recebidas d'Inglaterra dizem-nos que de 630:000 operarios inglezes, ha actualmente, conhecidos, 60:000 sem trabalho. Desde 1904 que o numero das desgraçadas victimas *da chômage* não attingia n'aquelle paiz cifra tão elevada.

A Allemanha chega lá quasi. Só em Berlim ha n'este momento 19.000 homens sem ter que trabalhar e sem ter que comer!

Ha por ahi alguem que não concorde que isto não é justo, que isto não pode ser assim?

—†—

Pulmões

Na Inglaterra e na Italia quasi não se morre tuberculoso. Na Baviera e na Austria-Hungria é como tordos.

E em Portugal ... Vamos indo!

—†—

Impertinencias

No numero de agosto da *Deutsche Revue*, de Stuttgard, o illustre professor da Faculdade de Direito de Heidelberg, dr. Jagerman, publica um precioso artigo em que proclama a necessidade da creação d'uma Escola Superior para a politica e a imprensa, que não existe e é uma grande falta, na Allemanha, semelhante á escola das Sciencias Moraes e Politicas, creada em Paris por Emile Boutmy, mas tendo a mais um curso de jornalismo parlamentar.

E parece que vae avante a idéa. Mas em Portugal não ha maneira de se crear uma nova escola de Direito, quando não temos mais que um arremedo d'isso, n'aquella velha Universidade que D. Diniz deu á luz e a que o Marquez de Pombal quiz, sem o poder conseguir, curar a paralysia geral que ha de matá-la em pouco tempo.

A sciencia juridica nas lusas terras ... é uma barata, como a logica.

—†—

Juramento religioso

Um Conselho geral acaba de pedir, em França, a abolição da formula religiosa do juramento. E isto suscitou acaloradas discussões que n'este momento ainda não terminaram. Sobre o assumpto publicou o dr. Toulouse na *Depêche* de 30 de agosto, um notabillissimo artigo, favoravel á abolição do juramento.

E' fado que o mundo tem ... Caminha sempre para o progresso!

—†—

O Monte da Verdade

Onde será o anhelado, o desejado, Monte da Verdade? Era—já não é—n'uma collina fronteira ao lago Majeur, no paiz de França. Um bom homem, que o regimen vegetariano curára d'um terrivel enfermidade, resolveu fundar com sua mulher e os seus discipulos, uma colonia ideal. E installaram-se na tal collina do lago Majeur. Vestiam uma simples tunica, dormiam sobre "a terra nua„ e tomavam todos os dias um banho de sol. Passavam uma deliciosa vida, não cessando de affirmar que tinham emfim encontrado a felicidade terrena. Chamaram á collina o *Monte da Verdade*.

Deparamos agora com um telegramma nos jornaes francezes que nos annuncia a dissolução da feliz colonia.

Porquê? Talvez a saudade de bons bifes á ingleza...

Nós continuamos entretanto a *pensar*, — triste consequencia da liberdade de pensamento, como nos dizia ha dias um illustre professor—que o regimem vegetariano é o unico racional, o unico compativel com as sabias leis da Natureza.

—†—

Guerra ao vinho

Depois da guerra ás moscas...a guerra ao vinho! Ambas muito uteis, mas, sobretudo esta ultima, utilissima.

Não ha duvida que o vinho, sendo um terrivel veneno, produzindo estragos no organismo do homem cuja gravidade se não pode mesmo saber, porque variam de intensidade de individuo para individuo, precisa de ser energicamente combatido. Mais que as outras, as classes pobres são victimas do terrivel vicio que as anniquila para as luctas da vida, que lhes perturba as funcções cerebraes, impossibilitando-as de todo e qualquer esforço intellectual.

Pois os americanos são damnados para essas coisas. O estado de Alabama é o paiz do mundo onde se bebe menos alcool. E' expressamente prohibido vendê-lo, transportal-o ou guarda-lo. A nova lei deu já causa a varias prisões, entre ellas a d'um individuo que teve a má idéa de guardar em sua casa uma garrafa de whisky e a d'um negro que transportava cerveja.

Como não somos dos que entendem que os fins justificam os meios, não podemos de forma alguma concordar com o processo adoptado, não só porque é uma violencia inadmissivel, uma brutal restricção da sagrada liberdade individual, mas tambem porque achamos o processo absolutamente inefficaz. Não é com decretos que se aperfeiçoam os homens. E' sómente pela educação e pela instrucção que alguma coisa se póde fazer.

A verdade é esta.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

LARGO DE MANUEL MARIA

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS . A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.

Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

O POVO DE AVEIRO

Vende-se

GOUVEIA—Manuel A. Mantas, Rua Braancamp.

CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.

MAITOSINHOS — Agencia Luzitana—Rua Roberto Ivens, 100.

PORTALEGRE—José Gervasio Coelho—Largo da Sé.

ARRONCHES—Miguel Maria.

ESPINHO—Kiosque Reis.

MOITA DO RIBAEJO—João Baptista Moura.

VIZEU—Agostinho da Costa Campos—Rua do Arco, 85.

CHAVES—Annibal de Barros.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira 18; Kiosque Elegante, Rocio; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Marécos, rua do Principe, 124; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella, 15.

VILLA REAL—Agencia de Publicações.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro 9 e 10.

COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27.

ALCOBAÇA—Estabelecimento de Antonio Vazão.

TYPOGRAPHIA

DE

O Povo de Aveiro

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa Bauer & C.ª, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa Bauer e da casa franceza Turlot, orlas e vinhetas decorativas Turlot, Berthold, de Berlim, e de Klinkhardt, de Leipzig, machinas d'impressão, de picotar, d'arâmar, guilhotina, dos fabricantes allemães Albert & C.ª, de Frankenthal, Ingenfrost, de Leipzig, Dietz & Listing, de Leipzig, com uma espiendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a cores, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, como livros, revistas, jornaes, prospectos, cartazes, facturas, circulares, etc.

Toda a correspondencia dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario, director e administrador do POVO D'AVEIRO.

HOTEL CYSNE

Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)

AVEIRO

Proprietario-Gerente

ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO